



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES**

**BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

**MARIA VITORIA SILVA CARDOSO**

**EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA CIDADE: MULHERES,  
TRABALHO INFORMAL E SUAS VIVÊNCIAS EM UMA PERIFERIA  
DE FORTALEZA**

**Redenção-CE 2022**

Maria Vitoria Silva Cardoso

EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA CIDADE: MULHERES, TRABALHO  
INFORMAL E SUAS VIVÊNCIAS EM UMA PERIFERIA DE  
FORTALEZA

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito para obtenção do título de Bacharela em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Britto Pólvara

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Cardoso, Maria Vitoria Silva.

C264e

Experiências femininas na cidade: mulheres trabalho informal e suas vivências em uma periferia de Fortaleza / Maria Vitoria Silva Cardoso. - Redenção, 2022.  
69f: il.

Monografia - Curso de Antropologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Profa. Dra. Jacqueline Britto Pólvora.

1. Mulheres. 2. Estudos feministas. 3. Trabalho informal. I.  
Título

CE/UF/BSP

CDD 305.4

---

Maria Vitoria Silva Cardoso

EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA CIDADE: MULHERES, TRABALHO  
INFORMAL E SUAS VIVÊNCIAS EM UMA PERIFERIA DE  
FORTALEZA

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Antropologia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus do Ceará.

Aprovado em 26/07/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Jacqueline Britto Pólvora (orientadora)**

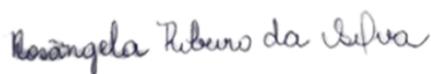
Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



---

**Profa. Dra. Natália Cabanillas**

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



---

**Profa. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva**

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a cada uma das interlocutoras, que além de tornar esta pesquisa possível, vem tornando minha vida cada vez mais bela desde que me entendo por gente.

Agradeço a Dona Eliane, minha mãe, que além de me dar a vida me deu também esperança nos dias mais nebulosos.

Agradeço a Dona Millena minha irmã, que além de vir enfeitando minha vida desde que nasci com seu companheirismo e proteção, também me deu três lindos sobrinhos do qual guardo um amor infinito.

Agradeço a Dona Lourdes a pessoa que contribuiu em minha criação, me ajudou em cada fase da minha vida com conselhos, cuidado, aprendizados e confiança.

Agradeço a Renata, que me presenteou com sua amizade, sua escuta e nossas trocas.

Agradeço a meus irmãos Sabrina e Lucas por me apoiarem em momentos de tristeza e me deram forças.

Agradeço também a minha namorada e companheira Thalia Justino por estar ao meu lado durante a construção deste trabalho, me motivando e acreditando que era possível a consolidação desta monografia, que sempre acreditou em mim e na minha pesquisa, me encheu de palavras de motivação.

Agradeço à minha orientadora, a Professora Dra. Jacqueline Pólvora e a professora Dra. Rosangela Ribeiro por também acreditarem em mim e na construção deste trabalho, por estarem sempre me guiando pelos melhores caminhos, por vir me aconselhando e me mostrando que este trabalho era possível.

Por último e não menos importante agradeço a mim mesma que dediquei cada minuto e segundo na construção deste trabalho, olhando, observando, construindo, desconstruindo e transformando um sentimento em uma monografia.

*Nos começos foi difícil, mas depois eu me acostumei e aí pronto, é isso a vida, a gente se acostuma. Tem medo sim da violência, todo mundo, mas tem que continuar a viver, tem que continuar a trabalhar, tem que sair (Eliane, costureira, 53 anos).*

## **RESUMO**

As experiências de mulheres trabalhadoras informais na cidade de Fortaleza espelham questionamentos relacionados ao espaço público para além de possuir a presença feminina, ser também um espaço pertencente à mulher. Logo, o objetivo principal deste trabalho é evidenciar as trajetórias, experiências e desafios das interlocutoras no trabalho. No decorrer desta monografia serão elucidadas questões sobre o que é informalidade no Brasil e a presença feminina no setor informal, como se deu a história do movimento feminista euro americano, como se deu a conquista do espaço público para mulheres, conceitos sobre colonialidade e questões raciais e de gênero nos centros urbanos. até chegarmos as trajetórias de como o espaço da cidade é sentido por mulheres trabalhadoras informais do Conjunto Habitacional Planalto Universo. Ser mulher trabalhadora informal para as interlocutoras da pesquisa Eliane, Lourdes, Millena e Renata nos mostra como a cidade se apresenta diferente para diferentes corpos, demonstrando desafios e aprendizados divergentes em espaços de trabalho doméstico e em casa. Ambientes de violências para mulheres podem estar ligados a diferentes setores da vida, como por exemplo, local de trabalho, casa, estradas, ruas e outros diversos espaços urbanos.

Palavras chaves: Mulheres. Trabalho. Informalidade. Experiências. Cidade.

## **ABSTRACT**

The experiences of women informal workers in the city of Fortaleza mirror questions related to the public space for not only having the female presence, but also being a space belonging to women. Therefore, the main objective of this work is to highlight the trajectories, experiences, and challenges of the interlocutors at work. Throughout this monograph we will elucidate questions about what informality is in Brazil and the feminine presence in the informal sector, the history of the Euro-American feminist movement, the conquest of public space for women, concepts about coloniality and racial and gender issues in urban centers, until we get to the trajectories of how the city space is felt by informal women workers of the Conjunto Habitacional Planalto Universo. For Eliane, Lourdes, Millena, and Renata, being a woman informal worker shows us how the city presents itself differently to different bodies, demonstrating divergent challenges and learning in spaces of domestic work and at home. Environments of violence for women can be linked to different sectors of life, such as workplace, home, roads, streets, and other diverse urban spaces.

Key words: Women. Informality. Informality. Experiences. City.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>CAPÍTULO 1. TRABALHO INFORMAL, COLONIALISMO E EMANCIPAÇÃO FEMININA NO BRASIL E NA EUROPA.....</b>	<b>14</b>
1.1 BREVES CONCEITOS SOBRE A HISTÓRIA DA EMANCIPAÇÃO FEMININA NA EUROPA .....	14
1.2 BREVE HISTÓRIA DA EMANCIPAÇÃO FEMININA NO BRASIL .....	15
1.3 A INFORMALIDADE NO BRASIL .....	17
<b>CAPÍTULO 2. MOVIMENTOS FEMINISTAS E CIÊNCIA FEMINISTA. ....</b>	<b>23</b>
2.1. CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA .....	23
2.2. QUESTÕES URBANAS, CORPOS FEMININOS, RACISMO .....	29
2.3. A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA E EDUCAÇÃO.....	33
<b>CAPÍTULO 3. A VIVÊNCIA DA MULHER TRABALHADORA INFORMAL NA CIDADE .....</b>	<b>37</b>
3.1 TRAJETÓRIAS DE MULHER NA CIDADE E O TRABALHO DOMÉSTICO.....	37
3.2. VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NO TRABALHO DOMÉSTICO E EM CASA.....	44
3.3. RACISMO NA CIDADE E VIOLÊNCIA URBANA .....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>62</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	67

## INTRODUÇÃO

Esta etnografia estuda as múltiplas vivências e trajetórias das mulheres de uma periferia de Fortaleza em relação aos trabalhos informais efetuados pelas mesmas. Questiona também quais os espaços onde circulam estas mulheres e como seus corpos são sentidos no ambiente urbano.

O foco está em quatro mulheres residentes do conjunto habitacional Planalto Universo, popularmente chamado de Carandiru, que se localiza no bairro Vila União, também conhecido como Aeroporto.

O Conjunto Habitacional foi entregue entre os anos de 2005 e 2006 pela prefeitura de Fortaleza junto da HABITAFOR (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza) para famílias que residiam em áreas de risco dos centros urbanos da cidade.

As narrativas contadas sobre cada uma das interlocutoras foram utilizadas refletindo em cada palavra delas. Cada uma possui histórias e vivências pessoais, individuais, com suas notoriedades, experiências, saberes de formas plurais e únicas.

Algumas de nossas entrevistadas descreveram suas experiências pela cidade destacando que planejam seus caminhos para o trabalho antes mesmo de sair de casa, na tentativa de encontrar formas que as deixem com a sensação de segurança em sua caminhada de ida e volta.

A descrição do sentimento de andar nas ruas da cidade varia não apenas em sua forma de falar, mas também em sua forma de sentir e interpretar, pois, cada interlocutora traz à tona suas trajetórias pessoais e a forma como o seu corpo é visto e interpretado pela sociedade. Além do que também reflete sobre como cada uma se move pela cidade e pelas camadas sociais do ambiente urbano.

A etnografia tem como papel investigar a “outra” a partir do censo questionador da etnógrafa, não sendo necessário o uso de padrões pré-determinados durante o estudo de campo, Mattos complementa “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade a outra, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica da etnógrafa.” (MATTOS, 2011, p. 54).

A forma em que chego nas interlocutoras vem de muito antes do nascimento da pesquisa. Dona Eliane é minha mãe, Millena é minha irmã, dona Lourdes após mais de 15

anos fazendo parte da minha criação é minha mãe também e Renata é uma amiga a qual compartilho histórias desde a infância. Venho observando e partilhando a vida com estas mulheres a tanto tempo que falar da vivência feminina na cidade não poderia ser para mim tão pertinente se não fossem relatados tantos acontecimentos que ouvi e refleti durante tanto tempo.

Esta etnografia aconteceu de forma descritiva, utilizando mecanismos da observação participante e análise bibliográfica. Entrevistas com roteiros abertos para mulheres residentes do Planalto Universo. Entrevistamos quatro mulheres de idades entre 20 a 60 anos, buscando assim, compreender também os desafios individuais em suas trajetórias. Foram utilizadas na pesquisa de campo, um smartfone com gravador de voz e câmera e um diário de campo.

As pesquisas bibliográficas se fizeram necessário para conceituar importantes fenômenos sobre a vivência feminina no espaço urbano. Buscou-se, nestes estudos, construir um embasamento teórico consistente para compreender como se deu a evolução das lutas feministas por igualdade de gênero, sendo principalmente destacado o movimento de mulheres trabalhadoras e os principais acontecimentos históricos sobre como se deu a inserção da mulher nos espaços urbanos. Além disso também tentei compreender nos estudos bibliográficos questões relacionadas ao colonialismo e suas marcas deixadas na sociedade atual.

Por conta da pandemia COVID-19, as explorações de campo aconteceram no ambiente doméstico primeiramente na casa das interlocutoras e no segundo momento de forma virtual, a partir da ferramenta de chamadas de voz do whatsapp e gravação de áudio. tomando todas as medidas de segurança contra a covid-19, inclusive o distanciamento social de dois metros das entrevistadas, máscaras e álcool em gel. Estas se sentiram melhor em participar da pesquisa presencialmente, pois assim estariam mais confortáveis em conversar e responder as perguntas.

Para o melhor entendimento das/dos leitoras/es sobre o colonialismo e quais foram as marcas herdadas do mesmo na atualidade, achou-se necessário o estudo a partir dos autores que destaco a seguir. Estes nos apresentaram conceitos chaves para entendermos de forma concisa a vivência feminina na cidade de acordo com a violência racial e a história da mulher do trabalho, narrativas corporais e a emancipação da mulher negra.

Fanon (1968) é um importante pensador negro martinicano que em suas obras desenvolve conceitos fundamentais para compreensão da colonização e de suas marcas nos dias atuais, como por exemplo a colonialidade.

A colonialidade seria o conceito que ajuda a compreender as sequelas do colonialismo para sociedade moderna onde vivemos. Fanon compreende que a descolonização se faz necessária para construir uma sociedade decolonial, capaz de entender a quantidade de fenômenos coloniais presentes no cotidiano e erradicar, permitindo que a relação de poder seja quebrada entre colonizado e colonizador. No entanto Fanon em seus escritos compreende o quanto a descolonização é um processo violento (1968, p.25). Fanon constata:

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados colhido de modo grandioso pela rodovia da história. (FANON, 1968, p. 26)

Fanon entende como a colonização negou por muito tempo valores, cultura e dignidade de outras sociedades. No documentário “*Sobre a Violência: Frantz Fanon e a política da subversão*” (2018) é explicitado várias comunidades que tiveram suas casas destruídas em nome da colonização, nos fazendo compreender que, segundo o autor, a negação da humanidade é condição primária para a colonização acontecer.

Angela Figueiredo é intelectual negra, antropóloga e professora da Universidade Federal da Bahia. Suas obras falam sobre a violência colonial e a urgência de epistemologias decoloniais, para assim compreendermos o epistemicídio causado pela colonização.

Nos trabalhos de Angela Figueiredo é possível compreender a emergência de epistemologias decoloniais e feministas, já que ao longo dos anos as referências bibliográficas dos trabalhos acadêmicos eram majoritariamente feitas por homens brancos heterossexuais. Figueiredo também reflete sobre a gama de epistemicídios feministas da história e como isso ainda nos dias atuais se faz presente. Figueiredo aponta:

O diálogo que proponho neste texto busca resgatar reflexões sobre os percursos teórico-metodológicos do feminismo negro realizados nos últimos anos, destacando as principais mudanças e apontando alguns fatores que contribuíram para a emergência de uma nova epistemologia feminista negra. O contexto político e social em que tais movimentos se inscrevem é, efetivamente, propiciado pelas conquistas do movimento negro a partir dos anos de 1980, atrelado às políticas sociais implementadas pelo governo petista, tais como, a expansão do número de universidades públicas e a implementação das políticas de ações afirmativas, possibilitando que um maior número de professores e alunas e alunos negros adentrassem a universidade. (FIGUEIREDO, 2020. P.03)

A proposta de Angela Figueiredo em seus trabalhos tem maior enfoque no feminismo negro e vivências de corpos negros em poemas, contos, trabalhos acadêmicos, entre outros.

Em seus escritos a autora propõe dar protagonismo a personagens negras e pobres, através de suas vivências do cotidiano. A narrativa corporal feita pela autora seria colocar seu corpo como o objeto de pesquisa.

As razões que levam a esta pesquisa são respondidas com a ajuda de autoras que discorrem sobre o movimento de mulheres trabalhadoras pobres e sobre os conceitos apresentados por elas de raça e classe e pesquisas sobre o trabalho informal no Brasil, a partir de recorte de raça e gênero. Angela Davis, professora, escritora e filósofa socialista estadunidense, contribuiu com várias obras indispensáveis para a compreensão da luta das mulheres negras e trabalhadoras durante a década de 1960.

Em “*Mulheres, Raça e Classe*” (Angela Davis, 2016, p. 106) relaciona o conceito de emancipação da mulher negra com os trabalhos realizados por elas entre os anos de 1960 e 1980, percebendo que as trabalhadoras domésticas negras ganhavam menos que trabalhadoras imigrantes brancas, chegando até a 14 horas de trabalho por dia. Além das frequentes ameaças, riscos de serem enganadas e de não receberem o pagamento, a autora mostra os riscos de abusos sexuais pelos homens brancos das casas ao qual trabalhavam, constando como um dos maiores riscos da profissão (DAVIS, 2016, p. 100). A condição destas mulheres quando se recusavam a estes abusos se tornavam piores, visto que as leis estavam sempre a favor do homem branco. Concluindo assim que o conceito de emancipação destas mulheres negras ainda não existia, visto que algumas ainda se sentiam escravas do sistema.

Neste trabalho, cada capítulo traz conceitos e ferramentas importantes para a monografia. O primeiro capítulo contempla o trabalho informal e a emancipação da mulher no Brasil e na Europa. Isto irá contribuir para fortalecer os capítulos seguintes cujas abordagens trazidas são embasadas justamente nos conceitos deste primeiro capítulo.

No segundo capítulo trabalho os primeiros momentos do movimento feminista na Europa e as suas principais figuras. Em seguida aponto a presença feminina nas cidades segundo a historiografia, examino como se deu a participação da mulher no espaço urbano e trabalho e explico sobre como a educação pode contribuir para o processo de emancipação da mulher. O objetivo deste segundo capítulo é contemplar brevemente a história da emancipação feminina a partir dos movimentos sociais e inserção no trabalho no meio urbano e a educação enquanto ferramenta de emancipação.

No terceiro e último capítulo apresento as interlocutoras da pesquisa, a trajetória delas durante suas rotinas. Este capítulo deve conectar os conceitos trabalhados nos capítulos

anteriores junto às vivências das interlocutoras e onde levanto indagações sobre o processo de emancipação dessas mulheres.

## **CAPÍTULO 1. TRABALHO INFORMAL, COLONIALISMO E EMANCIPAÇÃO FEMININA NO BRASIL E NA EUROPA**

O objetivo deste capítulo é trabalhar alguns conceitos sobre o trabalho informal, junto à discussão da emancipação feminina na Europa e no Brasil. Entender tais questões é de extrema importância para os próximos capítulos, na medida que serão apresentadas a história do movimento feminista junto aos espaços de opressão apontadas pelas interlocutoras, discussão que perpassa as questões de gênero, do trabalho informal e colonialismo. Desta forma, com a leitura prévia sobre do que se trata questões como estas, será viável escrever sobre como estes conceitos existem no cotidiano das interlocutoras da pesquisa e das autoras que aparecerão no próximo capítulo.

### **1.1 BREVES CONCEITOS SOBRE A HISTÓRIA DA EMANCIPAÇÃO FEMININA NA EUROPA**

Para falarmos brevemente sobre a história da emancipação feminina, primordialmente, seria necessário explicar como se deu o movimento feminista e as lutas libertárias por direitos mínimos de mulheres.

As primeiras informações sobre a história da mulher ocidental contam que o convento era o único espaço de exercício intelectual disponível para as mulheres, durante a idade média. Apesar de mulheres trabalharem tanto quanto homens, ainda existia a dupla jornada de trabalho para o público feminino (Fujisawa, 2006).

A conquista do espaço público também traz à tona a violência existente ali e a forma como este fenômeno transforma a relação das interlocutoras com o ambiente público.

Adriana Piscitelli (2009) questiona por que falar de gênero, e em seguida responde sua pergunta que é imprescindível falar de gênero por conta das opressões e negação de direitos para mulheres durante um longo período da história euro americana. Segundo a autora, a trajetória do conceito gênero inicia com Robert Stoller, psicanalista estadunidense, quando no Congresso Psicanalítico Internacional apresentou o modelo de identidade de gênero, conceituando a identidade de gênero para distinguir a natureza da cultura, de forma que sexo e gênero sejam reconhecidos enquanto coisas diferentes. Este momento da história do feminismo é conhecido como a primeira onda, que foi do século XIX ao XX, que buscava direitos iguais a cidadania.

As mulheres e a luta contra o patriarcado foi o que iniciou a segunda onda do

movimento feminista euro americano, elaborando o conceito de gênero. Esta segunda fase do movimento feminista identifica como a subordinação feminina varia com a época, lugar, de forma que haja a entendimento que a mulher é construída socialmente.

## **1.2 BREVE HISTÓRIA DA EMANCIPAÇÃO FEMININA NO BRASIL**

A conquista do espaço público para as mulheres foi construída a partir da grande parcela de trabalhadoras do início do século XX no Brasil. A partir de toda a classe de mulheres que estavam nas fábricas, nas que estavam no campo e nas propriedades rurais, nos trabalhos domésticos, como lavadeiras, cozinheiras, governantas, nas escolas, nas secretárias, nas lojas nos asilos. Junto das que circulavam nas ruas como floristas, vendedoras de charutos e cigarros, prostitutas. Nas classes mais altas havia engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, escritoras (RAGO, 2004, p. 602).

Sendo assim, Rago (2004) compreende a emancipação da mulher a partir de sua conquista pelos espaços públicos ao qual apenas homens ocupavam, relacionado principalmente a circulação das mulheres na cidade, que aumenta quando estas começam a trabalhar e precisam percorrer ao caminho de casa para o trabalho cotidianamente. O espaço público ocupado pelas interlocutoras são diversos.

Margareth Rago<sup>1</sup> também nos ajuda a compreender as significações de emancipação da mulher no Brasil. Em sua obra “*Trabalho feminino e sexualidade*” a autora discorre sobre o movimento de mulheres trabalhadoras no Brasil, dedicando-se no final de seu texto sobre a questão de emancipação da mulher a partir da história do movimento de trabalhadoras.

Acileide Cabral do Nascimento (2018), tem pós-doutorado pela UNICAMP e é pesquisadora cujo os temas principais são relações de gênero, maternidade e políticas públicas da infância. No ano de 2016 inicia sua investigação, procurando reunir pesquisas de mulheres de toda região nacional que apresentasse a ações femininas e suas expressões de luta do século XIX. Desta forma Nascimento realiza tentativas de compreender melhor as ressignificações do lugar social e político de mulheres, focando principalmente em regiões norte e nordeste.

---

<sup>1</sup> Nesta obra, Margareth Rago em suas pesquisas foca em mulheres trabalhadoras cisgêneros, brancas e brasileiras.

A questão da emancipação feminina para Nascimento, é feita a partir da instrução da mulher no exercício da leitura, gerando ensaios sobre a emancipação a partir de pedidos das mulheres de exercitar sua intelectualidade em discussões.

No meu trabalho, o espaço público ocupado por minhas interlocutoras são diversos. Ainda assim a conquista dos espaços públicos para estas mulheres ainda vem com inseguranças, Dona Eliane fala:

(...) Hoje todo mundo tem medo de sair de casa. Eu tenho muito medo sim. Aqui acolá a gente vê né, muitas coisas violentas. Não é toda vida não, mas ainda é assim. Você jovem do jeito que é, mas você vê que em todo canto tem alguma coisa, uma violência, ou com criança, ou com uma jovem no caminho. Ou as vezes num agravante. Você sempre vê nos caminhos; Como eu não tenho moto, nem carro, nem bicicleta. Quem anda a pé está sujeito a toda hora, a alguma coisa desse tipo. (Eliane, costureira, 53 anos, 2021).

Eliane, uma das interlocutoras traz elementos bastantes importantes para a discussão da conquista do espaço público. Segundo Eliane me relatou, nos percursos feitos por ela há acontecimentos que ela considera violentos e isto lhe traz a sensação de medo ao sair de casa. Além disso, salienta, o fato de não ter um transporte próprio a deixa mais exposta para tais violências.

Segundo o site Portal do Trânsito, 19% das mortes no trânsito são de pedestres<sup>2</sup>. Além disso, segundo o IBGE 69,6% dos feminicídios acontecem fora de casa<sup>3</sup>. Com tais dados pode-se compreender de forma mais explícita a sensação de medo sentida pela interlocutora. Este dado tem grande importância para a presente pesquisa, na medida que é o único que é coletado pelo IBGE sobre a violência feminina nas cidades, não sendo possível ter uma noção de dados apenas da violência urbana sobre os corpos femininos.

Para além de compreender os significados de emancipação da mulher, também foi necessário compreender um pouco mais sobre o que seria o trabalho informal, a partir do recorte de raça e gênero, pois apenas assim seria possível compreender o que seria o processo de emancipação da mulher para as sujeitas da pesquisa.

---

<sup>2</sup> <https://www.portaldotransito.com.br/noticias/maio-amarelo-quase-19-das-mortes-no-transito-brasileiro-sao-de-pedestres/> ACESSO EM 22/07/2021.

<sup>3</sup> <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21241-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html> ACESSO EM 22/07/2021.

### 1.3 A INFORMALIDADE NO BRASIL

O trabalho informal é um fenômeno social presente em quase toda a sociedade capitalista contemporânea. Em países de capitalismo periférico, é possível perceber este fenômeno em maior escala, como por exemplo, no Brasil (LEIBANTE, 2013, p 01).

Eduardo G. Noronha em seu artigo *“Informal, Ilegal e Injusto: Percepções Sobre o Mercado de Trabalho no Brasil”* (2003) debate os vários significados que o trabalho informal recebeu desde as primeiras noções até a data de publicação (2003). Noronha explica: “[o] significado de informalidade depende sobretudo da ‘formalidade’ em cada país e período, e, embora isso seja evidente, as análises sobre o tema tendem a ignorar a noção contraposta do qual ela deriva.” (NORONHA, G. p.1, 2003). Desta forma, nos atemos a construção do significado de informalidade no Brasil, reconhecendo que tal conceito depende do que se considera formalidade. Neste momento a informalidade é tratada como um fenômeno objetivo, uniforme e mensurável, segundo Noronha. Então, consideramos as mudanças legais recém criadas por economistas, juristas e pelo senso comum, gerando contratos temporários de trabalhadores.

A partir de 1930 e 1940 o corporativismo de Estado no governo de Getúlio Vargas estabeleceu um amplo código de leis trabalhistas, construindo assim novas percepções de trabalho formal e informal.

A partir deste período começou-se a existir regras mínimas de trabalho justo que aos poucos chegava a cada categoria do mundo dos trabalhadores. Os primeiros beneficiários foram os servidores públicos, que receberam direitos sociais e desta forma, alcançaram a cidadania; em seguida trabalhadores urbanos e por últimos trabalhadores rurais, que conseguiram seus direitos trabalhistas estabelecidos em 1960. Entretanto, vale ressaltar que nem todos os trabalhadores conseguiram ser beneficiados com estes direitos trabalhistas. Noronha complementa:

Assim especialmente a partir de 1930, o mercado de trabalho brasileiro e as questões de subemprego ou da informalidade só podem ser entendidos como resultado da própria construção da noção de informalidade, que, por sua vez, está associada as noções de cidadania e de direito social. (NORONHA, G. p.03, 2003)

O autor nos ajuda a compreender que as noções de formalidade estão intrinsecamente ligadas a cidadania, de forma que trabalhadores informais podem se encontrar com mais facilidade com poucas garantias trabalhistas.

A urbanização e a industrialização foram os principais agentes que ampliaram a massa de trabalhadores tanto formais quanto informais, criando um mercado dual em 1970. O significado de trabalho informal ganha novos significados bem como a carteira de trabalho, que também ganhou novas percepções.

Edmar A. de Barros e Lopes (2008) em sua dissertação de doutorado faz uma reflexão com o que chama de “*as novas faces de informalidade*”. As novas condições de trabalho na década de 1990 teve comportamento e trajetórias ocupacionais que buscam avaliar as médias de escolaridade e formação profissional.

Ademais, o autor ressalta que a escolaridade incompleta é comum entre os trabalhadores informais.

As trajetórias ocupacionais de ambulantes mostram um crescimento industrial e urbano significativo quanto a agropecuária e outros setores de serviços tradicionais. O fluxo de migrações da população rural para a cidade também faz parte do processo histórico do crescimento do setor de trabalho informal e formal. Lopes diz:

De forma genérica, mas nem por isso menos esclarecedora, consolida-se uma tendência de aumento das exigências por parte das empresas em relação à escolaridade e qualificação profissional técnica, bem como a sua adaptação às novas exigências produtivas. Enfim, o desemprego, a precarização e a informalização obedecem às causas estruturais, dificultando o processo de inserção ou re-inserção dos ambulantes no mercado de trabalho formal. (BARROS, E. p. 238, 2008)

O autor reconhece que a complexidade do setor informal é também fruto das implicações que impedem trabalhadores de ocuparem cargos formais.

Em 1972, com o crescimento da industrialização, o trabalho informal começou a crescer enquanto serviços que haviam emergido no ambiente urbano. Estes eram caracterizados pelo não pagamento de impostos e não obediência de legislações trabalhistas. A antropóloga Tatiana Raquel Silva Reis (2012), complementa a partir de Serthurman:

Exiguidade ou inexistência do capital inicial, que dependia da poupança do empresário informal ou dos membros do seu agregado; b) tratava-se de unidades de produção familiar, onde o familiar e o econômico se confundiam e onde muitas vezes as estratégias familiares, as regras de parentesco, as solidariedades étnicas ou clânicas eram mais observadas do que as regras econômicas; c) utilizavam-se as matérias-primas e os produtos locais; d) o 18 nível de escolaridade média era muito mais baixo, frequentemente, inexistente. A aprendizagem fazia-se por observação e por imitação dos mais velhos, que transmitiam os conhecimentos necessários; e) tratava-se de empresas pequenas com limite máximo de dez empregados, baixa escolaridade e fraco volume de produção; f) as empresas tinham um baixo nível

tecnológico e um alto coeficiente de mão-de-obra: a tecnologia era tradicional e raramente moderna, por causa também da falta de qualificação dos trabalhadores e da falta de meios financeiros; g) as regras de mercado, quando existiam, eram muitas vezes ignoradas e havia facilidade de acesso de novos empresários devido à falta ou exiguidade do capital inicial. (SETHURAMAN, 1976, apud SILVA, 2012)

Apesar da tentativa de conceituar a informalidade, a autora indica que seu significado possui uma pluralidade de práticas, lógicas de comercialização, espaços e caracterização de trabalhadores (SILVA, p.19, 2012).

Na década de 80 o mercado de trabalho informal evoluía em decorrência da crise econômica do país. Entre 1981 e 1983 houve um aumento de demissões entre os trabalhadores de fábricas. Neste cenário o aumento de trabalhadores informais surge no contexto de crise econômica, diminuição do valor salarial e com diferentes impactos dentre as regiões do Brasil.

Nos anos 90 com a forte migração de pessoas do interior para os centros urbanos o setor informal cresceu em detrimento ao aumento de desemprego entre os trabalhos formais. Com isto a relação de trabalho sofre mudanças tanto por conta do crescimento da informalidade laboral quanto pelas contratações de empresas terceirizadas para realização de serviços nas indústrias, gerando uma flexibilização produtiva e subcontratações.

Portanto, a informalidade enquanto entre cientistas sociais e economistas. Este conceito está em contexto de expansão e produção flexível. Demonstra uma desregulação de mercados de trabalho a uma crescente informalização e precarização das relações de trabalho (ARAÚJO, A., LOMBARDI, M., 2013, p. 05).

Tanto os trabalhos formais como os informais se conectam, na medida que as novas dinâmicas colocam o setor informal no processo de acumulação capitalista, segundo Lombardi e Araújo.

O deslocamento destas pessoas para o mercado informal se dá por questões de dificuldades no ingresso no mercado de trabalho formal, como por exemplo por serem jovens, mulheres, busca pelo primeiro emprego, pessoas com baixa escolaridade ou idades avançadas.

As trabalhadoras domésticas, enquanto ocupação informal tradicional, possuem a maior porcentagem de mulheres inseridas no mercado de trabalho, com remuneração, segundo Lombardi e Araújo (2013).

Segundo dados da DIESE<sup>4</sup> O número de trabalhadoras informais até o quarto trimestre de 2021 teve um crescimento de 6,6% comparado a 2019, que aumentou apenas 0,2%. O perfil destas trabalhadoras mudou, na medida que houve também uma baixa no rendimento médio. Trabalhadoras informais mais antigas poderiam receber até R\$2.074 ao mês, enquanto trabalhadoras que iniciaram no mercado informal em menos de 2 anos poderiam faturar até R \$1.434. Mulheres negras possuíam os menores rendimentos, tanto as mais novas quanto as mais antigas no mercado. Com 2 anos ou mais no mercado informal, mulheres negras poderiam faturar em média até R\$1.342, enquanto as com menos de 2 anos faturaram em média R \$994,00. Mulheres não negras mais antigas no mercado informal faturaram em média R \$2.368, enquanto as mais novas R \$1518.

Estes dados ilustram um pouco da desigualdade salarial entre mulheres negras e não negras, bem como o aumento de trabalhadores informais logo após ou durante a pandemia. É possível compreender, a partir dos valores apresentados no parágrafo anterior, que mesmo com o aumento de trabalhadores informais tanto negras quanto não negras, mulheres de cor preta recebem menos até mesmo que as novas trabalhadoras.

A antropóloga Angela Araújo, e a cientista política Maria Rosa Lombardi em sua publicação conjunta “*Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do século XXI*” (2013) discutem o trabalho informal e focam principalmente nas relações de gênero e raça. As autoras apresentam uma evolução do trabalho informal no Brasil entre os anos de 2001 e 2009, devido ao ingresso de mulheres, particularmente mulheres negras no mercado.

A partir do crescimento na economia brasileira nos anos de 2000 a 2009, houve também um alto índice de desemprego. As autoras complementam:

(...) Isso mostra que, se o crescimento recente da economia brasileira possibilitou uma queda expressiva do desemprego, ele não foi capaz de promover a redução do trabalho informal na mesma proporção, e de gerar empregos “decentes”, para incorporar a grande quantidade de trabalhadores/as que permanecem envolvidos em formas de trabalho precárias, desprotegidas e ilegais. As pesquisas sobre o trabalho informal têm contribuído não apenas para recolocar em novas bases o debate em torno do conceito de informalidade, como têm chamado a atenção para distintos aspectos, novas formas contratuais e relações de trabalho que se expandiram nas últimas décadas, decorrentes dos processos de reestruturação capitalista e de globalização. (ARAÚJO, A., LOMBARDI, M, 2013, p. 03).

---

<sup>4</sup> <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2022/boletimEmpregoemPauta22.html> ACESSO EM 04/07/2022

Nestas passagens, as autoras problematizam a precariedade que se encontram alguns dos trabalhos informais e sua relação com o crescimento da economia do país. Além disso as autoras destacam a inserção feminina no trabalho remunerado, visto que os dados apresentados por elas mostram que grande parte das trabalhadoras começaram a receber salários a partir dos anos 2000, antes disso o trabalho servia como um complemento no trabalho dos seus maridos e família.

Lombardi e Araújo (2013) trazem dados do IBGE que mostram que atividades formalizadas possuem mais brancos que negros. Mais da metade dos trabalhadores formais são brancos (54,6%). Enquanto mais da metade de trabalhadores informais são negros (55,70%) (ARAÚJO, A., LOMBARDI, M. 2013 P.09). Entre os trabalhadores domésticos, há maior concentração de pessoas negras, tanto homens, quanto mulheres, relacionados também entre os trabalhadores não remunerados.

Vale destacar que entre as entrevistadas, algumas delas trazem em suas trajetórias lembranças sobre como iniciaram seus trabalhos no campo informal e quais eram suas motivações.

Em “*O Conflito entre a maternidade e o trabalho na mulher pós-moderna*”, Fernanda Quendau (2007) articula o papel da mulher durante a história da antiguidade até os dias atuais. Procurando nas suas entrevistas, vivências de mulheres trabalhadoras e mães.

Mulheres da atualidade, segundo Quendau, são criadas para serem boas profissionais e boas mães, entretanto é reconhecido que trabalhar e ser mãe são atividades que podem gerar um sentimento de conflito e culpa. (QUENDAU, 2007, p. 02).

As motivações para estar no mercado de trabalho para as mulheres tem relação com a necessidade econômica e elevação da expectativa de consumo. Como conclusão do trabalho, a autora afirma que a maternidade é a função prioritária na vida das mulheres (QUENDAU, 2007, p. 07).

Em nosso trabalho, Millena, uma de nossas interlocutoras, é mãe de dois filhos e vendedora. Trabalha vendendo produtos de higiene pessoal e íntima de marcas, como Avon e Hinodê. Com a necessidade de cuidar dos filhos, esta ocupação a permite trabalhar em casa enquanto cuida das crianças. A renda alcançada com suas vendas complementa o salário de seu marido que juntos, conseguem pagar as contas de casa e se alimentar.

Foi, portanto, trabalhado neste capítulo a discussão sobre a história da emancipação feminina. Foi compreendido que as lutas do movimento feminista tiveram grande relevância para a pauta de emancipação da mulher. A evolução na história de lutas do movimento de mulheres afirma como as atividades domésticas eram e ainda são vistas como atividades femininas, na medida que o ambiente doméstico é tido como pertencente à mulher. A conquista do espaço público, quando as mulheres começaram a trabalhar fora junto da luta feminista da segunda onda foram de extrema importância para a emancipação da mulher. Vale ressaltar que mesmo as mulheres conquistando o espaço público, questiona-se sobre a cidade ser um ambiente feito apenas para homens, na medida que mesmo com a presença feminina na cidade, foi destacado por interlocutoras o perigo de andar nas ruas e da violência da cidade com mulheres.

Além disso neste capítulo também discutimos sobre a informalidade e seus vários significados durante a história do mercado de trabalho, a partir das leis trabalhistas. A urbanização foi um fenômeno que contribuiu em grande parte para o crescimento do setor informal, além das novas condições de trabalho, posto que desde 1990 a escolaridade e a formação tiveram relevância na contratação de trabalhadores formais, tangendo também as questões sociais como fatores importantes. Evidenciando inclusive a vivência de mulheres trabalhadoras informais e suas principais dificuldades no mercado.

Com isto, a partir da apresentação dos conceitos acima, pode-se afirmar que houve neste capítulo a exposição das questões estabelecidas no início, pode-se assim passar para a continuação da monografia com o próximo capítulo. Proponho explicar historicamente o que foi o movimento feminista, principalmente nos ambientes urbanos. O capítulo dois irá discorrer sobre o meio urbano, racismo, transfobia na cidade, epistemologia feminista e educação.

## **CAPÍTULO 2. MOVIMENTOS FEMINISTAS E CIÊNCIA FEMINISTA.**

Neste capítulo será abordada o processo de construção do movimento feminista, explicitando as primeiras quatro ondas feministas. É exposto questões relacionadas aos corpos femininos na cidade, apresentando o espaço urbano e a conquista do espaço público para as mulheres, relacionando raça, classe e gênero. Por último e não menos importante será pauta a questão da epistemologia e educação feminista e sua relação com as vivências de mulheres trabalhadoras informais. Tais discussões contribuem nesta pesquisa para compreender o processo de conquistas e desafios que as mulheres tiveram durante a história euro americana, chegando assim a compreender melhor as vivências de mulheres trabalhadoras informais dos dias atuais.

### **2.1. CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA**

Adriana Piscitelli (2009), pesquisadora da área de antropologia e Ciências Sociais, dedica sua pesquisa em gênero, sexualidade, memória, parentesco, entre outros. Em *“Gênero: A História de um Conceito”* (2009) a autora discorre sobre a importância de falar sobre gênero, destacando como motivações situações como por exemplo, espaços diferenciados para homens e mulheres, a capacidade corporal feminina, que por muitos anos foi resumida como algo frágil e inferior ao homem pela ciência, a exclusão da mulher nos espaços urbanos, cabendo a ela apenas o ambiente doméstico e por fim as diferenças atribuídas a homens e mulheres consideradas inatas.

No caso deste estudo, uma das coisas que mais chama a atenção nas entrevistas com as interlocutoras, são as atividades domésticas realizadas majoritariamente pelas mulheres. Dona Eliane relata: “A minha rotina antes de começar a trabalhar é sair com o cachorro, quando chego faço a merenda, depois vou cuidar da casa, aí depois de cuidar da casa é que eu vou costurar.” (Eliane, costureira, 53 anos). A fala da interlocutora sobre sua rotina nos ajuda a compreender melhor o que é explicitada por Piscitelli (2009), quando o assunto é responsabilidade em afazeres domésticos estar sendo mais intenso para mulheres, então quando uma mulher trabalha em casa, existe uma priorização de atividade. Outras falas semelhantes são trazidas por outras entrevistadas. Vale destacar como a história dos estudos de gênero, escritos por Piscitelli, coincidem com as falas do ano de 2021, mostrando como a desigualdade de gênero ainda é algo enraizado na cultura ocidental.

Em 1949, além de existirem poucos empregos disponíveis para mulheres, sendo na sua grande maioria os trabalhos domésticos que era quase sempre ocupado por mulheres negras e pobres. As mulheres brancas da alta burguesia estavam lutando para conseguir cargos iguais aos dos homens e com a mesma pretensão salarial além do direito ao voto. Além disso, uma forte arma usada para expulsar as mulheres dos espaços públicos se dava através do estupro, utilizado também em outros períodos da história do mundo como no Peru em 1980 ou em 1990 na Bósnia Herzegovina, durante a invasão Sérvia, o que em muitos casos também se somavam a mutilações e assassinatos. (Piscitelli, 2009, P. 04). A autora ainda complementa:

Se além de pensar nas diferenças de salário e nas horas de trabalho, também considerarmos a violência sofrida pelas mulheres no Brasil, o quadro de desigualdade se torna mais crítico. Entre as entrevistadas que participaram da pesquisa da Fundação Perseu Abramo, pouco mais da metade afirmou nunca ter sofrido qualquer tipo de violência cometida por parte de um homem. Mas o restante das entrevistadas mulheres, tinha sido vítima de algum tipo de violência cometida por um homem. Uma parte (11%) afirmou ter sido espancada, na maioria das vezes por companheiros (maridos ou namorados) ou ex companheiros. Considerando que se 31% delas afirmava que havia acontecido no último ano, antes da entrevista, chegou ao cálculo que a cada 15 segundos uma mulher é espancada no Brasil. Quando o entrevistador nomeava outros tipos de violência, os números aumentaram: 33% sofreram violência física, (ameaças com armas, agressões físicas, estupro conjugal ou abuso) além disso, 27% sofreram violências psíquicas. Onze por cento afirmaram já ter sofrido assédio sexual – esta é a única forma de violência que não é cometida por companheiros ou ex companheiros. (PISCITELLI, 2009, P. 06)

A violência contra mulheres não é uma realidade apenas para Piscitelli (2009). Algumas das sujeitas da pesquisa também relatam episódios de violências de seus ex-companheiros com elas. Analisando a situação a partir do que é colocado por Piscitelli (2009), a desigualdade sofrida pelas interlocutoras tange tanto a questão salarial, de classe social, quanto a de violência doméstica. Portanto, a cidade não é apenas desigual, mas violenta com mulheres!

A trajetória do conceito de gênero foi sendo elaborado em momentos específicos da história e vai discorrer sobre a diferenciação sexual. Ressaltando a diferença entre sexo e gênero, a identidade de gênero é um produto gerado pela cultura sobre a natureza, a partir de uma classificação do corpo logo após o nascimento. Ademais, a maneira de ser homem e mulher não deriva dessa classificação, e sim da cultura, que inclusive, é modificada de tempos em tempos. Desta forma, pode-se afirmar que há uma diferença fisiológica entre os sexos que está além do conceito gênero, é preciso separar a natureza da cultura, segundo a autora. A primeira onda do feminismo no continente europeu, na América do Norte e em outros países entre os séculos XIX-

XX iniciou com a luta das mulheres pelos direitos iguais à cidadania, direito a voto, a educação e a posse de bens.

Como foi colocado na introdução, muitas das interlocutoras ainda sentem medo ao frequentarem espaços públicos, temendo que algo de ruim aconteça com as mesmas. O espaço público ainda é um espaço de predominância masculina e colonial, visto que as violências dos centros urbanos estão ligadas não só a questões de gênero, mas também a pela falta de acesso entre pessoas de comunidades de camadas populares serem expulsas de ambientes pela falta dinheiro para irem ou estarem em tais locais, entre outros. Dona Eliane explica:

Não. O que eu ganho não dá pra eu viver, fico tentando viver, assim sempre apertada. Quando a gente é pobre é assim. Nunca dá pra comprar tudo. As vezes que eu saio é mais no Mercado. E passear com o cachorro. E tirando disso, dinheiro eu não tenho pra me divertir. Só na missa ou no médico quando tem que ir. (Eliane, costureira, 53 anos, 2021).

Desta forma, percebe-se que para a interlocutora, não poder estar em espaços públicos também está ligado à sua realidade financeira, portanto, à sua classe social, que não lhe permite aproveitar mais os ambientes do centro urbano onde mora. Os espaços em que a interlocutora ocupa estão ligadas às atividades que precisa realizar de alguma forma, ou seja, sua circulação pela cidade está restrita aos locais que respondem às suas necessidades.

A teoria dos papéis sociais indica os fatores que influenciam o comportamento humano segundo o gênero, papéis estes já criados pela sociedade que rondam entre o sexo e idade. Para discutir melhor sobre a temática, Adriana Piscitelli (2009), se utiliza da obra “Sexo e Temperamento” de Margaret Mead<sup>5</sup>. O trabalho de Mead (2000) trabalho vai ser construído a partir da pesquisa sobre três grupos de sociedades primitivas que vai comprovar que o temperamento inato entre homens e mulheres não é universal, mas sim, os traços e as características são aprendidos – e aprendidos - desde o momento em que se nasce, já que os seres humanos encontram-se imersos em determinada cultura. Dentre estes três grupos estariam os Arapesh, grupo este que não possuem características agressivas nem entre homens nem entre mulheres. Em aspectos parentais são maternais, em aspectos sexuais são serenos, além disso são compreensivos, não-agressivos suscetíveis. Há também o grupo Mudungmor, que possuem aspectos parentais implacáveis e agressivos tanto em homens quanto em mulheres, são positivamente sexuais e são menos carinhosos e mais agressivos, apesar de serem bastante

---

<sup>5</sup> Antropóloga, aluna de Fraz Boas, contribuiu de forma imensa para compreensão das relações da cultura e os sexos, a partir de pesquisas etnográficas em sociedades tradicionais. De sua vasta obra destacamos *Adolescência, Sexo e Cultura em Samoa* (1928) e *Sexo e Temperamento* (2000).

maternais. E por último há o grupo Thambuli, que possuem aspectos parentais diferentes entre homens e mulheres, sendo as mulheres mais agressivas e dirigentes, enquanto os homens são mais emotivos e dependentes e que possui pouca responsabilidade diante da mulher. Os aspectos sexuais mostram que mulheres são mais dirigentes enquanto os homens são mais passivos. “Não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados a sexo” (MEAD, 2000), esta fala da autora nos leva a compreender que a natureza humana é quase que incrivelmente maleável (MEAD, 2000). Além disso é interessante observar que nestas culturas citadas anteriormente, o espaço para os desajustados, ou seja, aqueles que não correspondiam ao padrão físico, psíquico ou sexual, eram considerados indivíduos que estavam na liminaridade entre duas realidades de forma divina. À vista disso, a construção cultural da diferença sexual conecta a sociedade à formação da personalidade a partir da socialização, que incorpora as normas sociais relativas ao papel feminino e masculino e exclui os desviantes nas sociedades ocidentais.

Continuando a leitura de Piscitelli, a autora irá discorrer sobre os anos 1950 e 1960 a partir do cerne da dominação masculina, na qual as feministas estavam lutando pela igualdade dos direitos. Neste momento, uma obra que também fortaleceu o movimento foi “*O Segundo Sexo*” de Simone de Beauvoir<sup>6</sup>, a qual relatava a importância de enfrentar aspectos sociais que situam a mulher em uns lugares inferiores, como por exemplo a educação, o caráter opressivo do casamento, a maternidade não livre, as profissões indignas e mal remuneradas. Esta obra foi a grande precursora para o início da segunda onda do feminismo, a qual foi elaborada a partir do conceito gênero e a subordinação da mulher, que assim como visto anteriormente é algo construído pela sociedade e varia com a época, história e lugar.

A frase “o pessoal é político” vai introduzir as questões do feminismo da segunda onda, na medida que é percebido a subordinação feminina majoritária tanto em todas as classes sociais como em raças, de forma que tanto a mulher negra e pobre quanto a mulher rica e branca sofrem por conta do seu gênero. Vale ressaltar que na segunda onda não é discutido questões de raça nem de classe, por conta disso Simone de Beauvoir equipara tais mulheres sem fazer outros recortes além do de gênero, estabelecendo assim um aspecto semelhante em todas as mulheres, ou seja, seria este a opressão patriarcal que todas sofrem, visto que toda relação entre homem e mulher é também uma relação política, confirmando assim uma relação de poder entre

---

<sup>6</sup> Simone de Beauvoir, escritora francesa, filósofa existencialista, memorialista e feminista de grande renome na França e famosa por obras como “*O Segundo Sexo*” (1949) e “*Memórias de uma moça bem-comportada*” (1958) e da frase célebre “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, indicando que ser mulher é uma questão de construção social e não de biologia.

eles, cabendo destacar também que o ponto de vista feminino até este momento não existia na História nem na Antropologia.

Outras leituras recentes sobre a diferença sexual que a antropóloga Piscitelli irá apresentar, referem-se à opressões que além de ocorrerem a um gênero específico também existem entre pessoas que não se encaixam em relações heterossexuais, dando início assim a discussão sobre o sistema sexo/gênero. Os autores citados até o momento deste capítulo, referem-se a autores também utilizados no trabalho de Piscitelli. A autora destaca “[o] tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo”, obra escrita por Gayle Rubin<sup>7</sup> que denuncia este sistema a partir da criação de uma indústria que se utiliza do sexo biológico para criação de atividades humanas, a partir de arranjos feitos pela sociedade e que transformam a fêmea em uma mulher domesticada e diferencia o homem e o animal. Diante da leitura de Lévi-Strauss<sup>8</sup> em sua obra “*Estruturas Elementares do Parentesco*” (1982) compreende o comportamento entre as pessoas e os animais a partir de uma regra universal da humanidade sobre o tabu do incesto e a troca de mulheres entre famílias, o que também é vinculado a uma opressão às mulheres e a divisão social do trabalho. Para o autor, este seria é outro tabu ao qual divide o sexo em duas categorias excludentes.

Em “Nossos Feminismos Revisitados” a autora Luiza Bairros, que trabalha com questões raciais e de gênero em suas obras expressam conceitos fundamentais do feminismo, partindo da leitura de Judith Grant, que afirma que o feminismo radical liberal socialista não foi capaz de falar sobre a mulher negra (GRANT, J. *apud* BAIROS, 1995 P. 1-2). Assim como o exemplo citado em seu texto sobre uma mulher negra em um programa de televisão culinário estar sendo ensinada a como cozinhar, mesmo este espaço da cozinha sendo ocupado por mulheres negras durante séculos atrás na escravização. O feminismo naquele momento quando Bairros escrevia, ainda não compreendia as tantas opressões as quais o corpo feminino negro sofria (e sofre).

Sueli Carneiro em “*Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*” (2011, p. 545) vai explicar o contexto de conquista e dominação a partir da apropriação das mulheres dos grupos minoritários e afirmação de superioridade do vencedor. Segundo a autora, a violação colonial contra mulheres

---

<sup>7</sup> Gayle Rubin é antropóloga norte-americana que dedica suas pesquisas para questões de sexo e gênero.

<sup>8</sup> Claude Lévi-Strauss, renomado antropólogo francês nascido em 28 de novembro de 1908, faleceu em 30 de outubro de 2009, com farta produção na área de teoria antropológica, inclusive a partir de sua experiência com tribos indígenas brasileiras.

negras e indígenas deu início ao Brasil e a América Latina gerando a miscigenação e a formação da identidade nacional. A partir daí o mito sobre a democracia racial latino americano foi crescendo perante a violência sexual colonial.

A criação da identidade nacional baseada na violência colonial, segundo a reflexão de Sueli Carneiro (2011), auxilia a compreensão de episódios do cotidiano na vida de pessoas negras.

Acontecimentos como violência policial e intimidações em lojas e supermercados se configuram como afirmação da superioridade branca na sociedade brasileira. Renata, uma de minhas interlocutoras, assim como outras pessoas negras, reconhecem em vários momentos do seu dia a dia, situações de preconceito racial:

Tem essa parte né, que eu fui seguida não só lá como em vários cantos. Também em relação a abordagem, que como eu trabalho na praia de Iracema, eu não escolho público né. Eu não escolho. Aí às vezes chegam pessoas drogadas lá pra comprar cerveja que eu vendo. Aí junto deles chega polícia sabe. Aí hoje os policiais já estão mais acostumados comigo e com o Bob sabe. Mas antigamente, era pesado, porque ele abordava a gente assim, praticamente todos os dias. Mas já aconteceu assim, de eu ser abordada por homem sabe. Se fosse mulher eu ficaria quieta, era o trabalho dela, mas não acho que é o trabalho dele abordar mulher, por causa daquelas coisas todas. Aí eles já começam a achar que a gente é usuário, e mexem nas nossas coisas. Aí começam a humilhar a gente. Mas hoje em dia já é mais de boa, já é mais... como eles já estão acostumados com a gente trabalhar lá eles já conhecem. (Renata, Vendedora ambulante, 23 anos)

A partir do relato trazido por Renata e as colocações de Carneiro (2011), compreende-se a violência policial sofrida por pessoas negras enquanto realidade para homens e mulheres negras. É interessante a relação das falas de Sueli Carneiro com as falas de Renata, pois a partir de sua fala acima, já é mostrado como não havia um tratamento de respeito e dignidade quando era revistada por policiais homens no trabalho. Para Sueli Carneiro, “[o] papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; a vivência sexual contra as mulheres negras foi convertida em romance” (CARNEIRO, 2011, p. 547). Afirmava assim a experiência diferenciada que mulheres negras tiveram na história, na medida que nunca foram tratadas como frágeis (no sentido de “sexo frágil”). A cultura nacional, além de não entender a luta de mulheres por trabalho, já que mulheres negras na história sempre trabalharam, valendo lembrar que faziam isso em condições subumanas e eram tratadas como objeto, de forma que a interlocutora Renata relata sua experiência de violência no trabalho sem nenhum tratamento referente aos direitos pré estabelecidos pela constituição.

O mito da rainha do lar, musa idolatrada da mulher branca em contrapartida de mulheres negras retratadas como anti musas originou uma cultura violada, folclorização e marginalizada da mulher negra, ressaltando assim a necessidade de superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como por exemplo o racismo, na medida que estabelece a inferioridade social da população negra, principalmente mulheres. A necessidade de enegrecer o movimento feminista brasileiro advém do racismo como aspecto determinante das formas de violência sofrida por metade da população feminina do Brasil que é negra (CARNEIRO, S., 2011).

## 2.2. QUESTÕES URBANAS, CORPOS FEMININOS, RACISMO

Antônia dos Santos Garcia, arquiteta baiana, em sua obra *“Mulher Negra e Direito à Cidade: relações raciais e de gênero”* (2012) apresenta o racismo no meio urbano seguido do etnocentrismo<sup>9</sup>, sendo o primeiro a colocação da cultura, etnia em superioridade a qualquer outra e a segunda é a colocação da cultura europeia em específico em um lugar superior às outras culturas. O patriarcado enquanto sistema exclusivo para o homem branco, hétero americano capitalista, cria uma hierarquia entre outros segmentos humanos. Assim como Piscitelli, Garcia também concorda com a diferenciação entre o sexo como diferença biológica e gênero como segmento cultural de distribuição estrutural de poder e definido a partir do que a sociedade espera que seja. Outro ponto a ser analisado no texto da autora é sobre o conceito de raça a partir de uma ideologia de branqueamento no século XIX e sobre como toda esta estrutura serviu para justificar a escravização de negras e indígenas por conta da situação de pobreza, reproduzindo assim desigualdades nos espaços urbanos. Desta forma, os melhores lugares são ocupados por brancos e os pretos os piores e quando ocupam lugares melhores são expulsos destes ou sofrem sabotagem. O branqueamento das cidades também aconteceu advinda da europeização das cidades e da “desafricanização”, com a proibição da capoeira e do samba nas cidades.

Antônia Garcia ainda analisa as estruturas da cidade de Salvador como dividida entre pessoas pobres e ricas. Os prédios altos, os seguros privados, são alguns detalhes que colocam pessoas de classes sociais opostas em lugares opostos na cidade, assim como formas de excluir pobres de lugares como forma de higienização das cidades, realocando-as para locais

---

<sup>9</sup> Valorização de uma cultura étnica em detrimento a invisibilização de outras. Etnocentrismo no colonialismo se refere a cultura colonial se colocar superior e no centro das demais

de risco e sem políticas públicas. Vale lembrar também que durante a industrialização do Brasil, os empregos não foram dados às pessoas negras e sim a brancos estrangeiros, como forma de tentativa de deixar toda a população negra morrer sem sustento, moradia ou empregos. Assim é possível compreender que a cidade foi construída a partir de uma lógica masculina e branca a qual discrimina duplamente a mulher negra que vive em periferias urbanas e na qual a democracia deixa de fazer sentido como demonstram as experiências contemporâneas nas quais as políticas de proteção a pessoas tornam-se extermínio policial nas comunidades de favela. Além disso, compreende-se também que os trabalhos informais para pessoas negras ainda no período da abolição da escravização foi uma forma que encontraram de manter o sustento, já que não conseguiam empregos formais.

A historiadora Michelle Perrot contribuiu para o debate sobre as mulheres nos centros urbanos juntamente com Antônia dos Santos Garcia. Em *“O Gênero e a Cidade”* (1997) Perrot faz uma reflexão sobre a cidade francesa do século XIX, indagando se a cidade foi um lugar de hospitalidade para as mulheres, sobre a comparação entre as significações entre a “mulher pública” enquanto “horroroso” a mulher e o “homem público” enquanto algo honrável ao homem. Vale lembrar que a cidade do século XIX era um espaço de refúgio para escravizados e mulheres.

A escassez de mulheres alfabetizadas, entre outras fontes de apreender o lugar das mulheres na cidade, como judiciárias e policiais. O corpo feminino é objeto de um investimento simbólico e uniforme” (PERROT, 1997, 678). A educação, assim como as bibliotecas existentes na casa da família, era um lugar restrito, no qual apenas homens podiam ir. Algumas das interlocutoras da pesquisa aqui realizada relatam suas experiências de como deixaram a escola e veremos mais abaixo.

A educação escolar para muitas mulheres foi algo de difícil acesso ao longo de sua vida, principalmente para mulheres com idade mais avançada. Como mostrado por Perrot (1997), estudar no século XIX não era uma prioridade para construção da educação da mulher, segundo a sociedade.

Michelle Perrot continua a falar sobre como o aburguesamento das cidades francesas e políticas das cidades deram abertura a destinos e fronteiras possíveis, embora desigual entre os sexos, visto que a partir de várias proibições de mulheres em espaços públicos houve uma demanda de mulheres tratadas apenas como mercadoria, como fenômeno da prostituição e violência sexual. Estas deliberações foram uma das razões para o crescente

número de mulheres solitárias, velhas e desamparadas, o que causou uma problemática entre a cidade e as mulheres. Havia poucas formas de hospitalidade para as mulheres, o papel da família e sua solidariedade era primordial. Para além da problemática de hospitalidade, havia muita desconfiança sobre a mulher solitária, principalmente aquelas que precisavam se deslocar frequentemente. Eram comuns em locais, como hotéis, cafés, bares por exemplo placas escritas “Proibido Mulheres Sós”, pois era motivo de vergonha e considerado imoralidade para os estabelecimentos. A retirada “física” e política de mulheres do espaço público é seguida de uma invasão de sua imagem.

Lugares aos quais as mulheres podiam frequentar sozinhas ou acompanhadas era o cinema, sua casa e as festas de família, entretanto com a greve de 1869 é necessário a presença feminina nos mercados. Trabalhadoras como costureiras, operárias e lavadeiras eram as poucas profissões femininas. Após a revolução industrial e o crescimento das indústrias têxteis, os espaços de lavagem foram crescendo, sendo formado por qualquer local que possuísse água corrente e posteriormente com a urbanização em lavanderias localizadas em bairros periféricos. Estas lavanderias eram espaços que continham afetividade, cultura de bairro e eram também meios de educação. A chegada da mecanização nestes locais causou uma resistência, já que com esta, acontecia também a impossibilidade destas mulheres que trabalhavam nos mesmos locais se falarem.

Lugares mistos, para homens e mulheres nos espaços urbanos também era uma problemática que diz respeito a divisão sexual dos papéis, a regulamentação da prostituição que também tornava a cidade mais perigosa para as mulheres, já que havia muita suspeita de uma vida clandestina. Desta forma, a única forma que algumas mulheres encontravam de saírem da condição feminina era se vestindo como homens e apropriando-se de lugares reservados a ele, segundo Perrot (1997).

Um dos questionamentos feitos na leitura do texto diz respeito sobre a travestilidade destas mulheres também como meio de proteção, visto que ao andar nas ruas após certos horários eram confundidas com prostitutas e corriam frequente risco de serem violentadas, ou interrogadas. Além disso, é possível fazer a reflexão sobre como os espaços urbanos são masculinizados ou feminizados de forma que cabe a cada um deles apenas a presença de um gênero, a partir de como estas localidades caracterizam-se para o público específico, lembrando imagens e atitudes que apenas homens ou mulheres se sentem confortáveis e quais espaços que podem ou são transgredidos por mulheres.

Acrescentando mais uma camada à discussão deste trabalho, Amara Rodovalho (2017) destaca a princípio as significações do que é *cisgênero* e o que é *transgênero* e de como se deu a construção destes termos na história. A palavra *cis* surge em meados dos anos 70, anos após a criação do termo *trans*, sendo esse um termo que reivindica a existência a partir da sua peculiaridade em existir em um mundo *cissexista* e surge entre os anos de 1920. A autora complementa:

Poucos são os registros sobreviventes de pessoas que, no passado remoto, reivindicaram uma existência outra que não a predita por seu genital. A verdade é que, numa sociedade profundamente cissexista, numa sociedade tão cissexista que sequer conseguisse enxergar o próprio cissexismo (de tão naturalizada que estava essa lei, de tão apagada que estava a sua origem, a sua razão), não haveria a menor possibilidade de pensarmos a existência material, concreta de pessoas trans. Por obra da violência transfóbica, que tem suas bases bem fincadas no sexismo, aquelas pessoas que ousassem afrontar essa lei seriam mortas ou teriam que voltar de imediato para o armário, dando a impressão falsa de que inexistiam ou de que “desexistiram”. Foi necessário o surgimento e fortalecimento do movimento feminista e, com ele, a transformação radical dos sentidos que a palavra “mulher” denota para, aos poucos, pessoas criadas para ser homem conseguirem começar a fazer legítima sua reivindicação de existir enquanto mulher e, hoje, pessoas criadas para ser mulher começarem a conseguir fazer com que seja razoável, aceitável a sua reivindicação de existir enquanto homem (o fato de só hoje a ideia de homem trans estar se tornando conhecida, inteligível diz muito sobre o que nossa sociedade reserva às pessoas criadas para ser mulher (RODOVALHO, 2017, P. 2-3).

O fortalecimento do movimento feminista a partir da resignificação do conceito de mulher foi de extrema importância para o grupo de mulheres trans, que por muitos anos foram invisibilizadas ou foram proibidas de existirem enquanto mulheres. Tais dados trazidos pela autora vão nos auxiliar a compreender as motivações que levaram não apenas este trabalho, mas também tantos outros que discutem sobre o tema gênero e sexualidade, na medida que o olhar para estas mulheres e sua trajetória na cidade, nos recorre a um alto índice de violência a essas pessoas que segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) no ano de 2020 houve um aumento de 48% de assassinato de pessoas trans em relação aos dois anos últimos anos só nos primeiros quatro meses do ano<sup>10</sup>. Vale observar também que os corpos de homens trans, que por muitos anos foram tratados como mulheres, como nos mostra a autora, nos ajuda a refletir sobre o que a sociedade espera de pessoas que se identificam enquanto homens e que se identificam como mulheres e quais as implicações que existir pode trazer a vida destas pessoas. Não se trata apenas de se

---

<sup>10</sup> <https://antrabrasil.org/category/violencia/> acesso em 21/02/2021.

identificar enquanto gênero masculino ou feminino e sim de reconhecimento a partir dessa identificação. Amara Moira (2017) ainda ressalta sua existência em função do que ela vai chamar do “não-nós”, que seria aquilo que não se é, aquilo de deixa de ser, de ser aquilo que seria esse não nós e que as nomeia trans, este também está ligado ao sentido que as palavras “homem” e “mulher” comunica. A lesbofobia, enquanto crença do agressor que imagina que o fato de uma mulher gostar de outra mulher a faz masculina, também vai nos lembrar a frase “não se nasce mulher, torna-se mulher” de Simone de Beauvoir, que nos ajuda a compreender que a mulher cis, antes mesmo de se enxergar como mulher, já está sendo tratada e ensinada ser uma, e principalmente, já está sendo violentada por todas estas imposições sociais que a colocam neste gênero, o que também nos leva ao conceito de “mulheridade”, que segundo a autora seria essas diferentes opressões entre mulheres trans e cis e os demais segmentos do que concerne o gênero feminino.

### **2.3. A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA E EDUCAÇÃO**

Cecilia Maria Bacellar Sardenberg em “Da Crítica Feminista a Uma Ciência Feminista?” (2002) disserta sobre a importância da criação de uma ciência feminista, ressaltando motivações acerca de como as mulheres foram historicamente objetificadas por uma ciência construída por homens ocidentais e brancos. Como dito anteriormente, além da importância do saber feminista e das raízes históricas e filosóficas do feminismo, reconhecer os vieses do androcentrismo<sup>11</sup> desde o iluminismo e a paralela construção do patriarcado. Esses vieses androcêntricos, segundo a autora, também estão intrinsecamente relacionados com a racionalidade, autonomia e liberdade e com a contribuição para a reprodução de teorias sobre as mulheres que as representam como seres inferiores, alimentando assim hierarquias sociais de gênero. A construção de uma ciência feminista também requer, segundo a autora, a desconstrução de pressupostos a partir de uma epistemologia feminista, com a cautela de quais parâmetros de quem pode ou não ser sujeito de conhecimento, visto que levando em consideração filosofias pós modernas acreditam que é necessário matar metaforicamente o homem, a história e a metafísica<sup>12</sup>. A autora ainda aponta:

---

<sup>11</sup> Androcentrismo: Priorização do conhecimento e experiências masculinas levando-os como verdade.

<sup>12</sup> No *kantismo*, estudo das formas ou leis constitutivas da razão, fundamento de toda especulação a respeito de realidades suprassensíveis (a totalidade cósmica, Deus ou a alma humana), e fonte de princípios gerais para o conhecimento empírico.

Em consonância com tais questionamentos, as filosofias ditas pós-modernas, nas suas versões mais extremadas, têm postulado várias “mortes”, dentre elas:

- a “morte do homem”, no sentido de desconstruir as noções essencialistas da natureza humana, propondo, ao invés, que o “homem” não é um ser transcendental e sim um artefato social, histórico e linguístico (estando nisso implícita a desconstrução da razão como algo fora da história);
- a “morte da história”, desconstruindo, assim, a noção de que a História tenha qualquer ordem ou lógica intrínseca: trata-se apenas de uma “metanarrativa” construída pelo homem para definir e justificar seu lugar no tempo; e,
- “a morte da metafísica”, com o intuito de desconstruir o “real” como algo externo ou independente do sujeito do conhecimento: assim como o “homem”, também o “real” é socialmente e historicamente construído. (Apud FLAX, 1990, p. 32-35).

Outrossim, a autora nos lembra que é necessário desconstruir expondo associações e consequências práticas de sua aplicação posto que se um feminismo que além de destruir tudo o que há, não construir nada é imprudente a qualquer grupo atuante, assim sendo recomendado uma ciência neutra que consiga eficiência a partir da experiência de mulheres. A complexidade de construir uma pesquisa altamente feminista, que não se torne ideologia ao invés de ciência que englobe diferentes maneiras de produzir saberes, sem se utilizar do androcentrismo das ciências sociais se torna implacável na construção de uma ciência feminista. Há além disso a crítica a um feminismo liberal que acredita que basta a mulher entrar na universidade, sem levar em consideração que a mulher pode criar sua própria epistemologia. Com isso ressalta-se que este trabalho tem como missão explorar epistemologias individuais de mulheres de comunidades periféricas da cidade. As tendências críticas ao projeto científico pós-moderno compreendem que a ciência não deve ser um ponto de vista superior, não deve fazer referência às influências, posições de classe e outros determinantes desse conhecimento de forma que a ciência se torne um objeto científico.

Minha posição é a de que uma das resoluções mais eficientes para melhorar uma sociedade é a educação. É através deste complexo social, que se acredita que possa ser o caminho para se buscar saídas que tenham como horizonte a emancipação da mulher. Chimamanda Adichie<sup>13</sup> (2017) dedica alguns de seus escritos às crianças justamente com o objetivo de dar a elas uma educação feminista, que pretenda acima de tudo pregar o respeito entre todos os gêneros, buscando sempre mostrar passos que possam facilitar este entendimento para uma criança. Sua primeira sugestão é demonstrar completude para as mulheres, sendo está uma forma destas se entenderem como pessoas que possuem os mesmos limites que qualquer outra e que nenhuma característica faz de uma mulher menor ou maior que alguém. Trabalhando em cima deste único preceito, podemos retirar várias

---

<sup>13</sup> Escritora feminista Nigeriana que dentre suas principais obras está “*Para educar crianças feministas*”.

formas para começar a explicar a uma criança a importância não apenas do feminismo, mas da educação sexual para que em situações de abusos ela possa buscar ajuda, ou mesmo em uma situação de dúvidas sobre si mesma possa ter a confiança de alguém por perto, podendo evitar machucados.

Uma outra autora que estará estimulando a educação como forma de emancipar-se das prisões machistas que nos acercam é Catherine Walsh (2009)<sup>14</sup> que propõe uma educação de leitura do mundo como atividade pedagógica para que a partir deste exercício possamos nos sentirmos humanos. Durante muitos séculos e negações de direitos para as mulheres, fomos educadas a não nos entendermos como pessoas que deveriam ser representadas pela carta aos direitos humanos que nos foi proposto.

Após toda a discussão explicitada neste capítulo, vale lembrar a relevância de discutir gênero e evidenciar os espaços diferenciados para homens e mulheres. A exclusão das mulheres na cidade durante muitos anos da história as impediu de trabalharem fora de casa, sendo tratadas como frágeis e inferiores ao homem. A desigualdade de gênero ainda enraizada na cultura ocidental cria outras desigualdades, como a salarial. O espaço urbano com predominância masculina e colonial nos faz refletir através dos conceitos discutidos anteriormente em relação a colonização e sua herança deixada nos dias atuais. Foi também visto neste capítulo a questão do racismo e da mulher negra nas cidades, destacando as tentativas de branqueamento das cidades durante o período pós abolicionista. As várias formas de afastar pessoas pobres e negras de pessoas ricas são caracterizadas pelos prédios altos, seguranças em locais, divisão de bairros de comunidades de classe baixa e ricos, expulsando pessoas pobres de localidades e realocando-as a áreas de risco e sem políticas públicas. Desta forma é possível afirmar que a lógica capitalista e patriarcal discrimina duplamente a mulher negra, na medida em que além de sofrer preconceito nas cidades por ser mulher, também sofre por ser negra. Iremos mais a frente trazer exemplos vivenciados por uma interlocutora negra e sua trajetória enquanto mulher negra na cidade.

Foi trabalhado ainda neste capítulo a relevância da educação e da epistemologia feminista para a emancipação da mulher, na medida que a ciência criada por homens objetificou as mulheres, afastando-as da produção de conhecimento sobre si próprias. A educação, por sua vez, é de extrema importância, pois a partir dela é possível encontrar saídas para a emancipação da mulher, trazendo uma leitura de mundo em que faz as mulheres

---

<sup>14</sup> Intelectual e militante que contribui para processos de justiça social. É professora adjunta da UASB e tem mais de 200 obras publicadas.

se sentirem humanas. Este sentimento por muitas vezes vem sendo retirado a partir das desigualdades.

A partir deste exercício e reflexão sobre a história do movimento feminista, as cidades e as mulheres e a educação para as mulheres, queríamos compreender melhor as vivências das mulheres entrevistadas e suas trajetórias. Assim, após relacioná-las ainda no capítulo com as falas das interlocutoras e ainda sendo refeita as discussões nas etapas seguintes da monografia, foi possível realizar o objetivo do presente capítulo, espaço para o próximo em que será falado sobre a trajetória das interlocutoras, suas vivências, quem elas são e qual sua relevância neste trabalho.

É relevante destacar também que a discussão feita em relação as lutas do movimento feminista em 1950 e 1960, coincidem com o período em que o mercado de trabalho informal vinha sofrendo algumas mudanças, como foi dito no capítulo anterior. Assim, as lutas das mulheres pela igualdade de direitos, casamento, e mal remunerado no trabalho acontece também no mesmo momento em que a informalidade se desenvolve.

### **CAPÍTULO 3. A VIVÊNCIA DA MULHER TRABALHADORA INFORMAL NA CIDADE**

Neste capítulo trabalho as narrativas individuais de minhas interlocutoras, sendo possível identificar a relação entre as bibliografias apresentadas nos capítulos anteriores e as vivências das interlocutoras. A relevância desta etapa na monografia fez extrema, na medida que unir os conceitos e as vivências das interlocutoras deu a pesquisa a relevância tanto para cada trajetória aqui descrita, como para as questões dos autores apresentados, evidenciando principalmente a vivência da mulher trabalhadora informal na cidade. Desta forma apresenta-se aqui a trajetória de vida pessoal de cada interlocutora, questões de violência no trabalho, entre mulheres trabalhadoras informais nos espaços urbanos. Questões de violências raciais vivenciadas pelas interlocutoras e análise a partir das bibliografias. Será apresentado também questões relacionadas ao trabalho e a maternidade a partir das narrativas das entrevistadas.

Ser mulher trabalhadora do ramo informal revela, para cada uma das interlocutoras, experiências diferenciadas no campo do trabalho e nos aponta questões importantes a serem discutidas. Perceber neste campo de pesquisa como funciona as relações trabalhistas, as marcas de colonialismo e a violência de gênero nos ajuda a compreender mais sobre tais questões para mulheres trabalhadoras informais, a partir de cada trajetória de vida. Neste capítulo destaco os percursos de minhas interlocutoras pela cidade, ao mesmo tempo que conecto tais percursos com suas experiências de vida.

#### **3.1 TRAJETÓRIAS DE MULHER NA CIDADE E O TRABALHO DOMÉSTICO.**

Dona Eliane é uma costureira de 53 anos, moradora do Conjunto Habitacional Planalto Universo há 15 anos. Nasceu em Quixadá, perto do Rio Pirangi, mas morou grande parte de sua infância no município de Palhano e se considera parda. Mãe de três filhos, atualmente mora com um deles, junto de um cachorro. Seus pais ainda vivos, são Maria Firmino da Silva e Vicente Maia da Silva, ambos agricultores; sua mãe também cuidava das atividades domésticas. Entre outras funções, Eliane já trabalhou como costureira, cuidadora de idosos e doméstica.

Seu sobrenome Santos, segundo ela mesma, recebeu da família seu primeiro trabalho fora de casa. As filhas de seu patrão, quando foram levá-la para se registrar, colocaram o

sobrenome de sua família ao invés da família de dona Eliane, mas como seus pais são casados no civil, Silva contempla as duas partes da família.

Durante sua infância, a partir dos cinco anos, passava a maior parte do tempo trabalhando na roça, cuidando dos animais de criação e de seus irmãos mais novos. Entre as atividades que praticava na infância, Eliane cita que carregava potes de água na cabeça, que chegavam até vinte litros para dar aos animais e a família, carregava capim seco e capinava o solo. Dos sete anos até os onze, morou com sua avó e lá também ajudava nas atividades do campo. Dona Eliane nos conta:

Assim, quando eu carregava comida, vivia na roça, pra botar comida pros animais. Desde aquela época a gente achava comum. Pra gente, era como um trabalho mesmo. Uma obrigação. O que eu achava ruim era carregar água na cabeça, tipo os potes. Carregar os potes de água na cabeça. De vinte litros. Elas eram bastante pesadas. Eu achava muito mais ruim, do que levar capim. Porque o capim seco é maneiro, mas os potes d'água... E tinha que carregar pra encher os potes da casa. Não era só eu, era eu e minha irmã mais velha. A Francineide, minha irmã mais velha. Isso aí, a gente faltava morrer de cansada. E o pescoço duro, porque era um pouco longe de onde a gente carregava água, aí era assim. Tinha uma cacimba bem pertinho de casa, aí que quando ela secava a gente ia buscar em outra mais longe, que era mais ou menos em distância, como daqui ao Albert Sabin (Hospital Infantil Albert Sabin). Era essa distância. Imagina aí, carregar água na cabeça pros bichos beber. Que uma vaca bebe um horror d'água. Uma vaca por dia, bebe 200 litro de água. (Eliane, costureira, 53 anos.

Aos onze anos foi trabalhar fora de casa da família, ajudando a esposa de um cliente do seu pai a realizar as atividades domésticas do lar, como lavar roupas, arrumar casa, alimentar os animais, entre outras. Em troca, recebia dinheiro, alimentação e roupas, que na maioria das vezes eram as que as filhas de seu patrão não usavam mais. Conta que neste primeiro emprego, não sentia que fazia muitas atividades, mas reclama que mal ganhava roupas ou calçados dos empregadores. Passava a semana na casa de seus patrões e nos finais de semana ia pra casa de sua família com o valor que havia recebido. Com o passar do tempo sua mãe e seu pai a tiraram deste emprego pois acharam que sua filha não estava recebendo um valor justo pelo trabalho. Neste primeiro emprego seus patrões a matricularam em uma escola, mas Dona Eliane conta que não conseguia estudar pois não sobrava tempo.

É a terceira irmã de onze filhos, entretanto, dois de seus irmãos faleceram. Tanto dona Eliane como os dois irmãos falecidos tiveram malária, só ela sobreviveu. Ainda sobre sua infância Eliane conta sobre sua mãe e pai não terem tanta paciência com os filhos e filhas na época e qualquer motivo poderia levá-los (las) até a agressão. Conta que naquela época nem existia a palavra infância e a partir de cinco anos já estavam prontos (as) pra trabalhar. Além disso conta também que não frequentou a escola por muito tempo quando estava na

casa de seus pais porque seu pai não permitia já que acreditava que aprender a ler e estudar não era importante, pois as mulheres poderiam aprender coisas demais se soubessem ler.

Mesmo muitas mulheres sem permissão familiar do pai ou marido, tinham o desejo de frequentar a escola, visto que algumas, procuravam alternativas para serem alfabetizadas, apesar de nem sempre obtiveram sucesso. Eliane, é uma dessas mulheres que apesar de não ter frequentado a escola por muito tempo, tinha bastante vontade de frequentar. Eliane diz:

Meu pai, a gente não podia estudar, que estudar não era pra gente estudar, porque quem sabia ler, sabia coisa demais do mundo. O pra ele quer dizer que uma mulher sabia demais? Ela ia saber das coisas boas, das coisas ruins, das coisas moralistas e das coisas imorais. E assim, tipo coisas sexuais, essas coisas. Então a mulher ia aprender muito. E nós tínhamos que aceitar. Até a gente explicar, enfiar na cabeça dele que a vista dele não era assim. Que a gente queria aprender pelo menos o nome, assinar o nome, pra não assinar com o dedo né. Porque assim, mesmo no interior, já tinha meninos que sabiam mais do que a gente, que mangavam da gente, que a gente não sabia ler. Então a gente implorava pra nossa mãe deixar nós estudar né. Ai então eu e a Francineide, que é a mais velha, nós duas, o Netin e o Zé. Então a mamãe ia lá e matriculava a gente escondido do pai. Enquanto ele estava pra Roça, nós íamos pra escola. Depois que ele ficava sabendo, era por pouquinho tempo. Porque logo ele descobria, ai pronto, a gente já tinha que sair. O importante era trabalhar. A gente não podia pegar em um livro pra ler, ele dizia que a gente era besta, que a gente tava sendo besta. Era, a gente tava sendo besta, tinha era que trabalhar. Era desse jeito, até os anos se passarem, depois da gente ta tudo adulto, dono da sua vida e procurar estudar. Aí foi que ele não foi mais se importando, ele já estava com a cabeça mais aberta e até hoje, até ele. Se tivesse quem ensinasse, até ele estudava também, pelo menos pra saber o nome dele. Pôr a mamãe a gente podia, ele que era assim. (Eliane, costureira, 53 anos).

Michele Perrot (1997) fala sobre a educação ser proibida para mulheres durante o século XIX. Como é descrita por dona Eliane, a educação foi algo negado a ela por conta do seu pai não concordar com a educação para mulheres diante da possibilidade de elas aprenderem questões relacionadas ao sexo.

A vontade de estudar, para Eliane também se relaciona com o fato de se sentir inferior aos outros por não ter estudado, visto que na sua fala, traz lembranças de outras crianças rindo dela e de seus irmãos por não poderem estudar e de ela querer escrever pelo menos o nome.

Dona Eliane aponta várias questões importantes sobre a questão de oportunidades na cidade grande, onde a pessoas do interior não tinham domínio da escrita e da leitura. Além disso, a opinião de seu pai estava interligada com toda uma forma de pensar presente em outros tempos, segundo Perrot (1997). Mas mesmo assim, Dona Eliane conta sobre tentar por várias vezes entrar na escola e aprender. Nos dias atuais Eliane conseguiu terminar o ensino médio com 40 anos em uma escola próxima a sua casa. Não conseguiu aprender

muitas coisas e ainda se sente envergonhada quando conversa com pessoas que sabem mais do que ela, principalmente quando a corrigem ao falar alguma palavra errada. Mas sente-se muito bem com seu diploma, pois aprendeu a ler e escrever. Em seu relato também é interessante perceber que sua mãe, diferentemente de seu pai, sempre apoiou os estudos de seus filhos e filhas, mas a relação de poder entre ela e seu marido contribuía para a retirada dos filhos da escola.

Sua experiência ao sair de sua cidade natal e ir para a metrópole, aconteceu ainda muito jovem. Seu pai conheceu um senhor que sempre pedia para que uma de suas filhas fosse fazer companhia a sua esposa, que morava em Fortaleza, pois sua família de Palhano, não gostava dela. Dona Eliane conta que assim como seu primeiro emprego fora de casa, não queria ir, mas seu pai a obrigou. Tentou se esconder, mas não adiantou. Apesar de ter o desejo de vir a metrópole aprender a costurar e ter uma vida melhor, não queria vir com aquele homem, nem para aquele trabalho pois sentia que não ia funcionar:

Pra este Osail, que era patrão do meu pai... Este Osail, queria porque queria me trazer pra Fortaleza, pra fazer companhia a mulher, que era só pra fazer companhia. Os irmãos, a família dele não queria a mulher dele lá em Palhano, aí eu tinha que vir porque tinha que vir. Aí fui obrigada do mesmo jeito pra essa cidade. Eu queria vir, mas não com essa pessoa. Aí só sei que terminei tendo que vir né. Não ganhava dinheiro coisa nenhuma também, não me davam dinheiro, só aí que eu tive que arrumar outro canto pra trabalhar. Conheci uma colega e eu mesmo me matriculei, eu mesmo fui pro Cordeiro Neto (Escola de ensino fundamental 2, no bairro Vila União). (Eliane, costureira, 53 anos, 2021).

Entre todas as experiências de trabalho que já teve, Dona Eliane conta sobre as boas e ruins. Seu primeiro emprego na cidade de Fortaleza não foi uma boa experiência, pois não recebeu pelo que trabalhou e precisou arrumar outro serviço que pagasse. Dona Eliane descreve o que houve após sair do seu primeiro emprego e conhecer sua outra patroa, a qual diz que após ir trabalhar com ela, as coisas em sua vida na Metrópole melhoraram. Esta patroa que lhe ajudou também foi de grande importância para dona Eliane perceber que ter poucos estudos e vir de outro local não dava motivos para ser humilhada e maltratada em seus empregos. Este conhecimento, segundo Eliane, conseguiu com esta patroa:

Assim, essas pessoas, né? Tem pessoas boas, tem pessoas ruins também. Não é boa pagadeira também. Teve pessoas que era pagadeira e teve pessoas que não eram. Teve pessoas que eu cheguei a trabalhar praticamente de graça e ainda empatou. Como eu tive uma patroa que ainda empatava de eu ir em casa. Eu passei foi tempo sem ir pra casa. E ela não me dava meu dinheiro. Quando chegava no fim do mês ela prendia meu dinheiro e dizia que quando eu fosse pra casa me pagava tanto, e nisso ia enrolando, até que eu falar pra outra pessoa. E essa amiga minha falou com a patroa dela, aí foi que a patroa dela teve pena de mim e me

chamou pra trabalhar. E essa Pessoa foi a Catarina (Patroa que ela tem contato até hoje). Foi.

Foi, aí foi a partir daí foi tudo melhor pra mim. A partir daí, ela me ensinou os caminhos de viver. E assim foi. Até hoje. Eu aprendi muito com essa daí (sua ex patroa). Ela que me ensinou muita coisa boa. A Catarina foi quem me ensinou muita coisa boa. Foi quem me ensinou que nem porque eu sou pobre, ser humilde e não ter uma boa leitura. Foi quem me ensinou que nem por isso eu deveria aceitar ser humilhada por ninguém. Por cidadão nenhum. Fosse ele advogado, ou juiz, fosse ele doutor, o que ele fosse. Não dava o direito de humilhar, de escravizar por esse motivo. Tudo isso, eu aprendi com ela. Ela me ensinou bastante. (Eliane, costureira, 53 anos, 2021).

É interessante observar na trajetória de dona Eliane a relevância de se entender enquanto alguém que merece ser tratada com respeito. Como foi destacado no capítulo anterior por Catherine Walsh (2009) a educação é um exercício de leitura de mundo que permite sentir-se humano, na medida que o preconceito, discriminação e as relações sociais geram um sentimento de inferioridade em pessoas de classe média baixa e pessoas negras.

No momento em que Dona Eliane foi ensinada sobre seus direitos enquanto cidadã, compreendeu a si própria de forma diferenciada, como alguém que merecia respeito. Walsh (2009) compreende este momento pedagógico enquanto um exercício de se olhar enquanto humana, na medida que durante boa parte da trajetória pessoal de mulheres, sobretudo as de classe média baixa e negras, são ensinadas a partir de vivências a se sentirem inferiores a pessoas humanas, não merecendo ser respeitada. Entretanto, no momento em que o processo educativo individual de emancipação da mulher entra em ação, há essa mudança de auto olhar, bem como é explicitado por Eliane.

Mesmo morando na cidade de Fortaleza, Eliane se auto afirma como agricultora, pertencente da roça. Sabe muito sobre o campo e seus pais e seus irmãos ainda praticam a agricultura até os dias atuais. Pretende voltar para seu local de criação quando se aposentar e lá passar o resto de sua vida. Se pudesse voltar ao tempo e escolher outra profissão, escolheria estudar e se tornar agrônoma, pois é uma função que já conhece e sente prazer em fazer.

Seus aprendizados com os trabalhos que já realizou foram diversos. Aprendeu a costurar, cuidar de idosos, além do que aprendeu no campo, sobre agricultura. Considera sua vida atual mais fácil, pois quando não consegue trabalhos em uma área, consegue outras e dessa forma vai mantendo seu sustento.

Atualmente mora uma rua depois de dona Lourdes. Sua casa possui dois quartos, uma sala com cozinha e um banheiro. A casa é rebocada e pintada de cores rosa, verde e azul em

cada cômodo, o chão possui pisos brancos com detalhes azuis. Gosta muito de morar em seu apartamento, pois é perto de hospitais, mercantis, postos de saúde, entre outros:

Aprendi a costurar só, em casa mesmo, tentando que quando eu vim do interior eu já sabia pedalar na máquina de costura normal. A gente tinha que aprender a botar remendo, no interior a gente era assim, a gente aprendia cedo a botar remendo nas roupas do pai né, que era para quando tivesse pronta pra casar, soubesse fazer tudo isso, porque senão o marido ia ser agricultor e como era que ele ia andar todo rasgado? Porque roupa de agricultor nesse tempo eram todas rasgadas. Então a gente tinha que botar remendo. Só estava preparada para casar quando soubesse pelo menos botar um remendo. Então a gente aprendia a fazer cedo essas atividades. (Eliane, costureira, 53 anos, 2021).

Trabalha desde os 5 anos de idade. Como costureira desde que veio para Fortaleza aos 15 anos aprender a costurar de forma profissional. Antes disso, já sabia fazer remendos em roupas e pedalar na máquina de costura mais simples. Costumava consertar as roupas de seus irmãos e pai, que trabalhavam no roçado, quando criança, aprendendo assim a costurar.

O interesse em aprender a costurar também estava relacionado com sua formação para o casamento. Segundo Eliane, aprendia a costurar desde cedo para que quando casasse, soubesse fazer remendos, pois tendo um companheiro agricultor, precisaria saber consertar suas roupas para que não andasse com roupas rasgadas.

Apesar de trabalhar por conta própria como costureira, já realizou atividades trabalhistas como serviços domésticos, cuidadora de idosos e agricultora, fazendo bolsas e chapéus de palha. O que recebe como costureira não é uma renda fixa possível de manter suas necessidades, então funciona mais como um complemento de outros trabalhos.

Sua rotina de trabalhos se inicia logo cedo pela manhã, por volta das 8 horas. Passeia com seu cachorro, em seguida prepara o café da manhã, cuida dos afazeres domésticos e ao fim de tudo inicia suas costuras. Dona Eliane fala:

Nos começos foi difícil, mas depois eu me acostumei e aí pronto, é isso a vida, a gente se acostuma. Tem medo sim da violência, todo mundo, mas tem que continuar a viver, tem que continuar a trabalhar, tem que sair. (Eliane, costureira, 53 anos)

Sente medo da violência contra a mulher na cidade, mas se acostumou com o tempo. Ao chegar na cidade foi difícil, pois a cidade traz muitas outras questões diferentes do ambiente rural, mas mesmo com medo sente que tem que continuar a viver, trabalhar, sair. No conjunto habitacional onde vive, sente que tem uma vivência mais tranquila em relação a violência.

A profissão de seus filhos é de vendedora online, vendedor ambulante e estudante. Todos os seus filhos frequentaram a escola e terminaram o ensino médio.

Dona Eliane não conhece políticas públicas relacionada a seu trabalho. Sua trajetória de vida foi de trabalhar a vida toda e criar seus três filhos sem ajuda do pai, segundo dona Eliane. Sobre vulnerabilidade social, Dona Eliane fala que seu dinheiro não dá para ela se manter, que costuma sempre estar apertada com contas e faz todos os tipos de esforços para se manter.

Em relação a violência contra a mulher, Eliane fala sobre a importância de as mães conversarem com os filhos sobre questões relacionadas a sexo, e violência contra mulher. Não foi algo que teve de sua família, mas por conta de não ter tido essas informações ao vir para outra cidade, percebeu a importância dessas informações. No mais, também fala sobre não aguentar mais ver na televisão violências contra a mulher ao sair de casa. Acredita que a falta de justiça de verdade, de políticos que possam melhorar essa situação é a principal questão para estas situações. Sobre a violência doméstica, dona Eliane fala sobre ver muitas mulheres apanhando de seus companheiros.

Um dos caminhos que sente medo no local onde mora é a Avenida Expedicionários, onde passava quando trabalhava nas proximidades. Conta que algumas vezes dormia na casa de uma de suas patroas aqui já citada, quando fazia horas extras. Apesar disso, sente medo de sair para qualquer lugar da cidade, pois considera todos perigosos. No seu cotidiano costuma sair apenas para visitar sua filha, passear com o cachorro e ir ao mercado. Se pudesse sairia para se divertir, mas não tem dinheiro.

Uma das questões que chamou a atenção nas conversas com Dona Eliane foi suas falas sobre sentir medo em todos os locais da cidade e além de não sair por medo, também não saía para se divertir por falta de dinheiro. Garcia (2012), como mencionada no capítulo anterior compreende que muitos espaços da cidade - em função de sua logística - expulsam pessoas pobres e negras de ambientes. Dona Eliane, ao falar que não se diverte por falta de dinheiro, contribui para o entendimento dos poucos ou quase nenhum local de lazer oferecido para pessoas de classe média baixa e negras.

Além disso, quando Dona Eliane também cita os momentos em que dormia em sua antiga patroa para não precisar ir para casa à noite, relembra as palavras de Perrot (1997) quando fala sobre no século XIX na França, mulheres serem confundidas com prostitutas e sofrerem violência sexual se estivessem nas ruas em horários noturnos. Estes acontecimentos

contribuem para a compreensão de como os espaços públicos serem compostos por uma diversidade de gênero, ele é exclusivamente construído para o homem, na medida que se torna arriscado para outras segmentações de gênero estar nas ruas a partir de algum horário.

### **3.2. VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NO TRABALHO DOMÉSTICO E EM CASA.**

Dona Lourdes é uma mulher católica de 60 anos, mãe de quatro filhos, moradora do Planalto Universo há 16 anos. Antes de morar na sua atual residência, morava em uma casa próximo ao Parque Rio Branco. É natural de Mombaça. Veio morar em Fortaleza após a morte de sua mãe Maria Soares em 1969. Nunca conheceu seu pai. Sua tia iria cuidar dela, mas não tendo como sustentá-la a entregou junto das irmãs a um juiz que a trouxe para Fortaleza. Dona Lourdes fala:

Eu não decidi morar em Fortaleza, não foi opção minha, foi... A minha mãe morreu, eu fiquei com a minha tia, minha tia ficou sem condição de criar a gente e a gente foi entregue a um juiz e ele trouxe a gente aqui pra fortaleza.

Desde que eu cheguei em fortaleza e na época, quando eu ainda vivia com a minha mãe eu já trabalhava, porque a minha tia acordava cedo e levava pra pegar água na cacimba, eu já ia para os matos cortar lenha mais ela, eu já ia pros matos arranjar lenha para botar no fogo, e assim já foi começando. (Lourdes, trabalhadora doméstica, 60 anos).

Na infância costumava trabalhar junto de sua família, para manter o sustento da casa. Sua relação com seus familiares sempre foi muito boa, assim como com seus vizinhos. Sempre esteve em classe social baixa, conta Dona Lourdes. Sua mãe assim como ela, também era trabalhadora doméstica e cozinheira.

Suas experiências e percursos no trabalho iniciaram antes do falecimento de sua mãe, entretanto, foi somente após o fatídico acontecimento que começou a trabalhar em outras casas. O primeiro local no qual trabalhou fora de casa, foi quando morou com um Juiz para quem foi entregue por sua tia. Lá, apesar de trabalhar não ganhava dinheiro algum, então aos 26 anos, pediu para ir embora, trabalhar em casas em que recebesse dinheiro. Dona Lourdes fala que ainda nesta casa, havia uma mulher, esposa do Juiz que lhe batia. Quando foi trabalhar em outras casas, eles também a bateram.

Meu trabalho é... foi assim, como eu fui... minha mãe morreu e eu fui criada em casa de juiz, eu trabalhava lá, mas não ganhava dinheiro. E quando eu cheguei a uns 26, 27 anos eu pedi pra sair de lá, pra poder trabalhar nas casas pra ganhar meu dinheiro, aí através de lá eu consegui meu primeiro emprego, comecei a... Só que eu... que lá no juiz eu apanhava, aí lá nas casas onde eu comecei a trabalhar o pessoal me batia porque eu achava que eles também tinham direito de me bater (Lourdes, trabalhadora doméstica, 60 anos).

Na fala de Dona Lourdes é possível enxergar questões trabalhadas por Ângela Davis (2016), que foram abordadas na introdução, posto que a autora comenta sobre as violências sofridas por mulheres negras nas casas dos senhores mesmo após a abolição da escravização. É perceptível as marcas deixadas pelo colonialismo para a sociedade (FANON, 1968, P. 61), visto que a normalização da violência física tanto para Dona Lourdes, quanto pelos seus antigos patrões revela uma figura de relação de poder entre pessoas brancas de classe média alta e pessoas negras de classe média baixa.

Além de sofrer estas violências no trabalho, quando era mais jovem, havia também outras situações no trabalho com as quais Dona Lourdes se sentia incomodada. Fala sobre o preconceito que as empregadas domésticas sofrem no cotidiano e de como são consideradas sempre de má índole e ladras. Dona Lourdes complementa:

(...) Olhe, só pra você ter uma ideia. Uns vinte ou trinta anos atrás, eu trabalhava nas casas, a gente não tinha o direito nem de se sentar pra comer na mesa. E nem... e jamais comer antes do patrão, jamais. Jamais poderia fazer um negócio desses. Nem que eles almoçassem cinco horas da tarde, era a hora que a gente tinha que almoçar. E a gente só comia o resto que sobrava (Lourdes, trabalhadora doméstica, 60 anos).

Dona Lourdes Mora junto da filha e um gato de estimação. Trabalha desde os cinco anos de idade como doméstica, realizando atividades de lavagem de roupa, limpeza de casas, engomando de roupas, preparação de comidas, entre outras.

A vivência de Dona Lourdes nos trabalhos em que realizou, sobretudo a experiência citada acima de não poder sentar para comer, esperar seus patrões comerem primeiro para poder comer, comer apenas restos de comida, revela a tentativa de manutenção de uma sociedade hierárquica sobre uma estrutura que afasta cada vez mais a realidade entre pessoas ricas e pessoas pobres e justifica a escravização de pessoas negras e indígenas por conta da crença de superioridade branca (GARCIA, 2012)

Dona Lourdes considera um absurdo o fato de que há poucos movimentos políticos entre as trabalhadoras domésticas, já que as pessoas de classe social alta não valorizam o trabalho delas e não querem pagar valores justos pelo serviço oferecido.

Quando perguntado sobre o que faria se pudesse estar em outra profissão, diz que não tem muito objetivo de profissão, mas antes gostaria de estudar bastante e hoje estar em uma posição melhor socialmente. Se pudesse escolher, seria advogada ou juíza.

Dona Lourdes espera para o futuro, uma vida melhor para seus filhos, espera que tenham mais sorte que ela, que consigam se estabelecer, ter sua casa. Deseja saúde a todos que estão a seu redor.

É interessante observar que segundo Lombardi e Araújo (2013), é bastante comum que trabalhadoras informais iniciem atividades trabalhistas ainda criança. Além disso, destaca-se que pela falta de supervisão familiar, os maus-tratos ainda criança se tornam comuns para pessoas que iniciam atividades trabalhistas na infância

Em sua trajetória de vida, Dona Lourdes conta novamente sobre a morte de sua mãe quando era criança e que continuou a realizar as mesmas atividades que sua mãe e suas tias. A única diferença foi que quando veio para a metrópole de Fortaleza não realizou mais atividades relacionadas ao campo, como carregar água na cabeça, alimentar animais, entre outros.

Costumeiramente Dona Lourdes recebe amigos da filha e membros da família para passarem uma noite ou mais dias. Uma de suas filhas, S., trabalha com carteira assinada no aeroporto de Fortaleza. Seu filho P.C. trabalha em uma lava jato em outro bairro de Fortaleza.

Antes de começar seus trabalhos costuma fazer os afazeres de sua casa e após isso os de seus clientes.

Seu apartamento é logo na segunda rua em frente da pista que faz o desvio da avenida Borges de Melo. O apartamento por dentro é bem bonito e simples. Com três quartos, um banheiro e cozinha. A parede da sala, cozinha e um quarto são pintadas de branco, os outros quartos e banheiro não têm tinta. O chão é feito de cimento queimado. Há uma mesa na sala, com seis cadeiras. Sente-se feliz em seu próprio apartamento, pois está com seus filhos e vê eles com frequência, não precisa mais pagar aluguel. Este apartamento para Dona Lourdes é sua maior experiência e satisfação. Tem uma relação amigável com seus vizinhos e sempre os cumprimenta, mas nem sempre eles respondem, dona Lourdes diz não se importar.

Dona Lourdes é uma mulher que frequentou a escola até a alfabetização. Já em sua fase adulta, quando já trabalhava, se matriculou algumas vezes para dar continuidade aos estudos, mas não conseguia se firmar, se sentia desmotivada a continuar. Dona Lourdes complementa:

Depois que eu parei de estudar, eu tinha vontade de estudar, mas eu não tive a atitude de me firmar no colégio. Eu não tive a atitude. Eu não sei se foi falta de

conselho de alguma pessoa, falta de incentivo. Eu acho que foi mais, foi falta de incentivo. De eu correr atrás pra estudar. Eu só fiz a alfabetização. E pronto, parei, só fiz ela e não cheguei nem a terminar. Só fiz ela mesmo e pronto. Depois que eu fiz a alfabetização eu parei porque a mulher que eu fui criada lá, que me botou, ela disse que ia me tirar da escola porque eu gostava muito era de bater perna. E não gostava de trabalhar. Aí ela queimou os livros e queimou as fardas. Foi. (Lourdes, trabalhadora doméstica, 60 anos).

Na fala de dona Lourdes e sentido a sensação de como o ato de ser impedida de estudar na infância reverberou ainda na sua vida adulta, lhe causando desmotivação. Percebe-se a ação de seus antigos patrões ao queimar seus materiais escolares e fardas na infância como um ato de violência e traumatizante para Dona Lourdes. Desta forma, percebe-se mais uma vez a relação feita por Catherine Walsh (2009) quando entende a educação enquanto exercício de se enxergar no mundo, na medida que Dona Lourdes foi impedida de estudar na infância, houve um sentimento contrário ao se enxergar como alguém que merecia respeito e atenção social.

Segundo ela, um dos ambientes de aprendizagens enquanto pessoa e profissional foram as casas nas quais trabalhou e ainda trabalha. Aprendeu a realizar a atividade da qual se sustenta vendo outras pessoas fazerem. Nunca trabalhou em nenhuma outra profissão. Dona Lourdes também fala durante sua entrevista sobre muitas leis que protegem a criança e o adolescente serem muito boas, pois impedem que muitas coisas aconteçam, como quando os pais não matriculam os filhos nas escolas. Fala sobre atualmente as pessoas de classes populares terem oportunidades de estudar e antigamente não poderem. Fala que se sente muito melhor hoje em dia do que há vinte anos atrás, pois já viu, ouviu e viveu muitas coisas. Outros aprendizados que teve durante sua trajetória de trabalho foi a criação de seus filhos a partir das funções a qual realiza. Dona Lourdes sente-se gloriosa por ter conseguido criá-los.

Apesar de ser trabalhadora doméstica no momento atual, Dona Lourdes se sustenta a partir de trabalhos avulsos, como por exemplo diárias. Se considera parda.

Em relação a violência urbana e no território onde mora, Dona Lourdes comenta sobre sentir muito medo e achar um absurdo. Acredita que se o governo conseguisse distribuir os empregos de forma justa e sem preconceito, não haveria tanta violência, pois na hora de contratar pessoas há muito preconceito e a falta de condições de se alimentar e se sustentar é uma razão para muitas pessoas precisarem fazer atividades ilícitas para sobreviver. Dona Lourdes sente medo tanto dentro como fora de seu lar, sente medo pelos filhos que saem todos os dias para trabalhar. Alguns dos caminhos que mais sente medo são as avenidas

largas que precisa atravessar. Ao passar por algum viaduto a pé, sente que pode acontecer de ser abordada por assaltantes que se escondem ali.

Quando trabalhava fora de casa costumava sair de casa 5:30 e chegava em casa 22:30. A diária a qual oferecia custava o valor de 35,00 e muitos dos seus empregadores a demitiram, quando pediu um aumento. Antes de ir fazer alguma faxina costuma pesquisar sobre o local antes e caso não se sinta segura, prefere não ir, pois sente muito medo. Dona Lourdes diz:

Vitória, é porque você não viu, mas aqui em casa, eu já cheguei o ponto de ter tanto medo, tanto medo, que a Tália precisou brigar muito comigo e dizer as coisas, porque eu ficava ouvindo alguém bater na minha janela sem ter. Eu já passei uma fase aqui assim. Por exemplo, naquela época que tinha muito tiro, eu tinha tanto medo aqui em casa. Eu pensava que tinha alguém batendo na janela. Era tão grande eu que eu fui pro médico, o médico passou remédio, eu tomei e pronto. Eu melhorei, graças a deus (Lourdes, trabalhadora doméstica, 60 anos).

Sua experiência enquanto mulher vivendo na cidade e seus aprendizados acerca da violência urbana de gênero, assédios, machismos entre outras agressões segundo ela, aprendeu sozinha, a partir de suas vivências pelo mundo e pelas casas que trabalhou. Sente que a violência doméstica hoje é algo mais comum de ser visto.

Discutir como as cidades são importantes para as mulheres se faz de extrema importância. Nos relatos de Dona Lourdes ela afirma que não apenas sentia medo de sair de casa, como também precisou ir ao médico para melhorar. O sentimento relatado por Dona Lourdes está ligado também aos relatos das demais interlocutoras na medida que todas afirmaram sentir medo de saírem de casa e sofrerem algum tipo de violência. Tais relatos confirmam novamente que a cidade, apesar de ser formada por homens e mulheres, não garante a proteção de ambos, deixando muitas mulheres em situação de vulnerabilidade.

Foi que eu fui aprendendo, por exemplo, o primeiro namorado que eu tive, eu sofri uma parte, mas aprendi tirei uma aprendizagem dali, quando eu me juntei com o segundo o que eu passei com o primeiro que eu fiquei, eu já não passei com o segundo, mas aprendi mais um pouco e o último que eu zerei, aprendi mais ainda e aí enfim, finalizei. Eu me saí sozinha, não denunciei, não chamei ninguém, mas eu vi que não dava pra continuar, aí eu parei. (Lourdes, trabalhadora doméstica, 60 anos)

Destaca que foi também a partir de seus relacionamentos amorosos que aprendeu sobre a violência contra a mulher. No seu primeiro relacionamento, sofreu em alguns aspectos e a partir do que vivenciou pode aprender sobre sensações que não gostaria de sentir novamente.

No relacionamento posterior já não passou pelas mesmas situações. No seu último relacionamento continuou aprendendo e hoje, não estando em mais nenhum relacionamento, afirma que finalizou seus aprendizados quanto a isto. Não permitindo mais viver situações de hostilidade, por já saber como é.

Acredita que as mulheres deveriam falar quando estiverem passando por situações de agressão pois ela não quer passar mais por isso e também não quer que outras passem. Considera um absurdo que as mulheres passem por situações de hostilidade com seus companheiros e mesmo assim continuem com eles.

Assim como foi apontado por Dona Lourdes, a violência contra a mulher foi algo que teve contato durante a sua vivência pessoal. Da mesma forma são relatadas situações parecidas por Dona Eliane.

Esta percepção sobre as interlocutoras estarem falando sobre a violência contra mulher, sobretudo a violência doméstica surgiu em vários momentos da entrevista. O primeiro deles foi quando Dona Lourdes fala sobre suas experiências e aprendizados a partir de seu sofrimento com seu primeiro namorado.

Além disso Dona Lourdes também conta que não permite mais que esteja em situações assim, confirmando assim que em algum momento já estivera. Dona Lourdes também fala sobre antigamente ser mais difícil de descobrir casos de violência doméstica por serem situações mais escondidas. Diferentemente dos dias atuais quando é mais fácil se ouvir ou ver algum acontecimento.

Um outro momento que foi percebido em relação a fala das interlocutoras sobre a violência contra mulher, se deu quando Dona Eliane falou sobre saber que a violência contra mulher na cidade ser maior que no interior onde morava. Fala que sente medo da violência de gênero, mas que não pode deixar de trabalhar, nem de viver, nem de sair por conta disso.

Dona Millena em sua fala também diz sobre como acredita ser de vital importância para as mulheres ter independência financeira para que não precisem se submeter a situações de violência e caso sofram, tenham alguma possibilidade financeira para tentar sair de tal situação.

Também chama bastante atenção a fala de Dona Renata quando fala que ao voltar do trabalho sente bastante medo, e por conta disso tenta pedalar o mais rápido que pode em sua

bicicleta. Principalmente quando retorna em horários mais tardes da noite, sente o coração acelerado por medo de que aconteça algo no caminho.

Millena é uma mulher branca, trabalhadora de 23 anos de idade nascida e criada em Fortaleza. Começou a trabalhar com 12 anos para ajudar nas contas de casa e para seus próprios interesses. Filha de Eliane e L.C, um eletricitista e uma costureira, não seguiu nenhum caminho profissional dos pais, mas já aprendeu a mexer em algumas das máquinas de costura de sua mãe.

Mora na Rua U... em frente ao bloco de Dona Eliane, sua mãe. Seu apartamento possui dois quartos, uma sala, cozinha e banheiro. As paredes são pintadas de cinza com detalhes em branco. O teto possui gesso e detalhes. O piso é preto e branco com detalhes de flores.

Durante a sua infância comenta não ter tanta consciência das situações que veio a passar, mas lembra que sua mãe passava a maior parte do tempo trabalhando e as vezes seu pai ficava em casa. Durante este período Millena ficava em uma escola creche a qual sua mãe costumava ir deixá-la antes de ir trabalhar e ir buscá-la na volta. Acredita que apesar de sua família sempre ter sido pobre, antigamente era mais fácil controlar os gastos.

Sua primeira experiência profissional foi aos 12 anos. Começou o trabalho para adquirir experiência e responsabilidade. Não teve um primeiro salário. O emprego foi por indicação de seu pai. Millena conta que recebeu a proposta de passar o período de experiência de um mês sem receber salário e que se gostasse, poderia continuar, mas não teve interesse e resolveu não continuar. Logo após, começou a trabalhar em casa, por si só com as mesmas atividades que trabalha hoje.

Millena tenta introduzir sua trajetória no trabalho a partir de suas primeiras experiências e motivações. Explica:

Vou começar de quando eu era adolescente né, porque quando eu era criança eu não lembro muito assim de detalhes, mas eu lembro que quando eu tinha 12 anos, foi a minha primeira experiência de trabalho e com 15 anos eu me juntei né. Fiquei em uma união estável. Foi quando o meu esposo, ele começou a me sustentar e aí também eu comecei a trabalhar, sozinha assim mesmo, avulso, como trabalho hoje ainda. Mas aí o dinheiro mesmo é dele. Não é meu, o dinheiro grosso né que eu falo. E aí a gente se casou na igreja, no civil, tivemos um filho né, que a gente perdeu e logo depois eu engravidei de novo, com 19 anos. O primeiro filho eu tive com 17 e o segundo com 19, e aí ele sempre trabalhou, sempre me ajudou no que ele pode. Faz as obrigações dele dentro de casa, mas a maioria das coisas quem faz sou eu mesmo. E pronto, comecei a trabalhar e desde então trabalho em casa. (Millena, Vendedora online, 23 anos)

A interlocutora Millena, em suas experiências como trabalhadora informal conta que seu trabalho é uma contribuição para o trabalho do marido, que juntos mantêm o sustento de todos da casa, incluindo seus filhos. Assim, percebe-se novamente semelhanças com as falas das autoras Lombardi e Araújo (2013) sobre a combinação de trabalhos informais.

Além disso, o trabalho informal exercido por Millena também funciona como uma possibilidade diante de suas limitações, na medida que precisa cuidar de seus filhos durante o dia para seu marido ir trabalhar, mas mesmo assim precisa realizar suas vendas.

Quando foi perguntado sobre qual outra profissão escolheria, se ela pudesse voltar no tempo e escolher, Millena falou sobre não saber qual outro trabalho escolheria, mas com certeza seria um de carteira assinada, pois era bem melhor do que trabalhar avulso.

Millena deu à luz a três meninos, mas Isaac, seu primeiro filho, faleceu dois dias após o nascimento; um de seus filhos, Elias, tem quatro anos e é autista, enquanto o Benjamin possui oito meses. Passa a maioria do tempo cuidando deles, enquanto trabalha pela internet.

Logo com 15 anos, Millena foi morar no mesmo apartamento que seu atual marido, Nacélio que é logo em frente ao apartamento de sua mãe. Com dezessete anos engravidou de seu primeiro filho, Isaac Noah, que faleceu dois dias após o nascimento. Apesar de todo o sofrimento que a perda lhe causou, conseguiu superar parcialmente e com 19 anos teve seu segundo filho, Elias Emanuel, que aos três anos foi diagnosticado como autista. Aos 22 anos teve seu terceiro bebê, Benjamin Gael, que no momento tem oito meses e começa a engatinhar e querer dar seus primeiros passos.

Apesar de trabalhar vendendo produtos, o que mantém o sustento da família é o trabalho de seu marido, que no momento também está no campo informal, trabalhando com variadas atividades de construção, limpeza de carros, entre outros serviços.

Trabalha vendendo produtos e serviços em duas lojas do Instagram, criadas por ela, seriam os produtos: cremes de cabelo, desodorantes, perfumes, hidratantes, produtos de revistas como o da Avon, Hinodê, shampoos de cabelo, maquiagens. Os serviços que oferecem são a criação de artes e temas para lembrancinhas/mimos de festas de aniversário infantil.

Seus projetos futuros incluem morar em outra casa, ter dinheiro suficiente para manter o sustento de sua casa e de seus filhos; ter seu carro, pois em sua situação, acredita não ser mais um luxo.

Seu aprendizado acerca do trabalho que exerce se deu sozinha, sem ajuda de terceiros. Apenas com os conhecimentos básicos sobre utilização básicas das redes sociais, como o Instagram e Facebook; conhecimento que conquistou durante sua juventude até os dias atuais utilizando estas e outras redes sociais com finalidade pessoal. Estudou até o ensino médio e durante este período de escola, teve dois filhos.

Hoje está trabalhando pela internet, através de duas lojinhas online no Instagram. É interessante perceber que em uma de suas lojinhas vende produtos de higiene maquiagem, cremes para cabelo, enquanto em outra oferece um serviço de criação de temas para lembrancinhas de festas de aniversário infantil. Já realizou bazares como forma de conseguir uma renda extra. Já trabalhou como vendedora e atendente. Mora com seus dois filhos pequenos, um de oito meses e outro de 4 anos e seu marido.

Seu marido costuma contribuir para as atividades vinculada ao lar e a tutoria de seus filhos. Dividem os cuidados das crianças com base na necessidade de cada um sair de casa para resolver algo ou trabalhar.

Sua rotina antes do trabalho é acordar, banhar seus filhos, dar o café da manhã deles, se alimentar e em seguida começar o trabalho. Fala sobre as vezes ser bem cansativo, por conta do trabalho de cuidar das crianças. Conta que às vezes recebe ajuda de sua mãe, principalmente pelas manhãs, horário quando seu marido trabalha. Sobre a autonomia financeira da mulher, reflete:

A libertação é essencial né, liberdade financeira...porque a mulher com a liberdade financeira, ela não vai ficar esperando pelo homem, que muitas vezes né, faz com que as mulheres se sujeitem a algumas coisas que se elas tivessem a liberdade financeira, elas não teriam que se sujeitar a isso. (Millena, vendedora online, 23 anos, 202)

Acredita que é importante trabalhar e ter uma renda sua fora a do seu marido. A liberdade financeira é essencial para que a mulher não precise continuar em espaços ao qual esteja sofrendo de algum modo, segundo Millena. Isso porque acredita que a partir de uma renda independente do seu marido, pode em algumas situações salvar uma pessoa de situações de violência doméstica.

É importante mostrar também que na fala de Millena, sobre alimentar seus filhos e banhá-los logo pelas manhãs antes de ir trabalhar, é semelhante em falas de outras interlocutoras como Dona Lourdes e Dona Eliane, que logo pela manhã também realizam atividades ligadas ao seu próprio lar e alimentação de si e dos demais que moram com elas.

Questiona-se se estas atividades em comum realizadas por ela, não estão ligadas a suas trajetórias e aprendizagens sobre divisão de trabalhos femininos e masculinos.

Nas falas de Millena sobre o trabalho que exerce e o cuidado com os filhos, faz-se a reflexão sobre questões apontadas por Fernanda Quendau (2007), no capítulo um. Segundo a autora as mulheres são criadas para serem boas profissionais e boas mães, levando a mulher a um sentimento de culpa. O cuidado com os filhos torna-se uma prioridade para as mães, entretanto o trabalho está relacionado com uma necessidade econômica.

Millena é moradora do Conjunto Planalto Universo há 15 anos. Antes morava em uma casa próxima a Lagoa do Opaia, no bairro Vila União e, assim como as demais entrevistadas, recebeu a proposta de ir morar no conjunto habitacional para sua casa ser demolida e retirada da área de risco de alagamento.

Refere à sua vivência na localização atual como sendo “muito boa e tranquila”, tanto com seu lar quanto com seus vizinhos, mas apesar disso, também fala sobre ter conhecido um lado maior da violência relacionada a facções criminosas, drogas, tráfico após ter vindo para o Planalto Universo. Conta que já perdeu muitos amigos que ao se envolver com organizações criminosas morreram com tiros.

Millena também sente medo da violência em relação a crimes contra as mulheres, como estupros e assédios, que são coisas que costuma ver com bastante frequência na televisão. Teme também perder sua vida ou a de algum familiar por conta da violência urbana, como uma reação a assalto levar a sua morte, ou a reação inversa de congelar no momento.

### **3.3. RACISMO NA CIDADE E VIOLÊNCIA URBANA**

Renata é moradora do Planalto Universo há 15 anos. Trabalha como vendedora ambulante há cerca de um ano. Filha de Célia e Natio, só mantém contato com a mãe. Nascida em Fortaleza, tornou-se vendedora logo após ser demitida de seu antigo trabalho de doméstica em uma casa.

Teve uma infância calma e boa com sua família. Nessa época morava com seu avô e outros parentes da família, até completar 14 anos. Apesar de não ter uma boa relação com seu avô, fala de suas memórias brincando com seus primos e amigos naquela época. Seus vizinhos também eram parentes da família não costumavam trabalhar em empregos de

carteira assinada, eram sempre trabalhos avulsos, por conta disso, sempre se considerou alguém de classe média baixa.

Sua única experiência em trabalhos com carteira assinada foi como repositora em um supermercado durante o terceiro ano do ensino médio. Acredita não ter aproveitado bem a oportunidade de ter continuado neste emprego, mas hoje acredita que leva uma vida mais tranquila. Também já trabalhou como doméstica por um período longo, mas fala sobre como sentia medo de arrumar as casas de onde já trabalhou e como no começo sentia medo de não fazer da forma certa. Sua mãe também trabalha como doméstica e seu pai, que não mantém contato, até suas últimas notícias, trabalhava com atividades criminosas como estelionatário.

Renata, outra interlocutora da pesquisa, que posteriormente falou mais sobre sua trajetória, se autodeclara como mulher negra e fala sobre suas experiências enquanto trabalhadora doméstica:

Meu trabalho que eu tive antes desse que eu trabalho... Que era doméstica. Aí era... eu não soube. Eu não tive pra onde correr, eu só consegui crescer nesse trabalho que eu estou agora. Com as coisas que eu posso fazer. Mas antes não. Eu não pude dizer que tive boas experiências não. Porque tipo, eu não cuidava do meu dinheiro e tal. (Renata, 23 anos).

Renata não sentia que teve boas experiências em seu trabalho anterior, como doméstica. É interessante relacionar a fala de Renata com os escritos de Angela Davis sobre as trabalhadoras domésticas, principalmente quando Renata fala que não sentia que podia crescer no serviço doméstico, pois assim como é colocado por Davis, historicamente, a experiências de mulheres negras no trabalho doméstico se via repleto de inseguranças. Além disso, o sentimento de “não ter para onde correr” dito por Renata em precisar mudar de profissão, relacionado os perigos, inseguranças, relações de patrão e empregada doméstica, foram motivos para Renata se sentir realizada apenas na profissão atual, como vendedora ambulante. Não obstante a isto, sentir que não podia crescer naquele trabalho remete muito a história de mulheres negras contada por Angela Davis (2016) que de suas poucas possibilidades de emprego a que era mais comum seria o trabalho doméstico, a qual muitas mulheres realizaram a mesma atividade do começo de sua vida no mercado de trabalho até o fim.

Relacionando a obra de Angela Davis (2016) com a entrevista de algumas mulheres do Conjunto Habitacional Planalto Universo, observa-se que três das entrevistadas trabalham ou já trabalharam com serviços domésticos, sendo uma delas autodeclarada negra e outras duas que também se autodeclararam pardas.

Apesar destas mulheres não falarem sobre quantas horas por dia trabalham, elas comentam sobre não terem segurança empregatícia nestes trabalhos, visto que a qualquer momento podem ser demitidas.

Algumas entrevistadas ainda falam sobre o trabalho doméstico servir mais como uma ajuda financeira do que uma renda, pois precisam realizar outras funções ou receber ajuda de outro membro familiar para manterem seus sustentos. Isto é apontado tanto pela entrevistada que identifiquei aqui como Lourdes, como por Eliane, além de outra entrevistada, chamada aqui de Renata, apontar que em seu trabalho enquanto vendedora ambulante há tanto o risco, ao voltar do serviço, como oscilações, de forma que em certos meses ela pode receber melhor que em outros, em situações muito difíceis, sendo necessário a mudança de profissão, assim como houve outrora a mudança de emprego para vendedora ambulante. Estas situações são comuns no mercado de trabalho informal.

A rotina der Renata antes do trabalho se inicia com um banho, a preparação de seu café da manhã ou por vezes, ao tomar banho se direciona logo para o trabalho em sua bicicleta, deixando para comer algo quando chega. Trabalha na praia de Iracema, como vendedora ambulante, próximo a Ponte dos Ingleses.

Em sua barraca, no Espigão da Praia de Iracema, vende cigarros, refrigerantes em lata, cervejas, água, salgadinhos, recheados, entre outros alimentos e produtos. Ser ambulante não era algo que já havia imaginado trabalhar, mas fala que foi o trabalho que mais pôde crescer financeiramente e se sentir feliz. Neste emprego conta que não tem patrões, apenas trabalha com seu amigo com o qual também não mantém relação de poder com ela.

Atualmente mora só e não tem filhos. Sua mãe e seus dois irmãos moram em outro bairro na cidade. Renata mora em um bloco cor de rosa, ao lado de Dona Lourdes. Seu apartamento tem dois quartos, um banheiro, uma sala e cozinha. As paredes são rebocadas, mas sem tinta. O chão é de cimento queimado, com exceção do quarto em que dorme, ao qual tem pisos de cores marrons e parede pintada de branco, recém reformada.

Para o futuro, Renata conta que planeja reformar sua casa por completo, ter dinheiro para se estabilizar e apenas depois pensa em procurar fazer faculdade. Para ela é importante manter sua estabilidade financeira e só depois pensar em realizar um curso, mas entre estes, diz o quanto gostaria de voltar a estudar inglês.

Estudou até o fim do ensino médio e logo após começou a trabalhar como doméstica em casas de família, até ser demitida e conseguir seu novo emprego de vendedora ambulante. Com 23 anos de vida, já realizou funções como costureira, doméstica e ambulante, iniciando a trabalhar com 13 anos. Aprendeu a costurar na sua antiga escola profissionalizante. As atividades domésticas, aprendeu com sua mãe que também realizara as mesmas funções em casas de patrões. Juntando todos os anos que trabalhou, Renata contabiliza 5 anos de trabalho, enquanto nos outros estudava.

Aprendeu a realizar a função de vendas com seu amigo, que também lhe indicou pro trabalho onde está hoje, mas que no momento serve como um complemento de sua renda, na medida que há poucas vendas ou por conta da pandemia mundial, muitas vezes sua área de trabalho ser interditada.

Seus aprendizados durante todo o período que já trabalhou contam com boas e ruins experiências. Enquanto doméstica, não soube continuar no trabalho, pois sentia insegurança ao arrumar a casa de outra pessoa. Só conseguiu sentir-se melhor quando trocou de profissão e veio realizar o trabalho como ambulante que tem hoje. Além de ter aprendido também sobre inglês e administração quando fez cursos.

Sua trajetória de vida pessoal envolve diferentes coisas citadas por ela. Primeiro ela conta sobre começar a se entender melhor como pessoa após ter começado a trabalhar, que foi quando pôde sentir que podia ajudar sua mãe a manter o sustento pelo menos dela, enquanto sua mãe cuidava de seus dois irmãos. Fala que “saiu das asas da mãe, pois sempre foi ela pra sustentar todos os irmãos e por isso precisou crescer”. Fala também sobre como foi sua descoberta enquanto mulher lgbtq+ e como foi contar para sua mãe. Sempre achei que sua mãe teria uma reação diferente do que a que teve, que foi de tranquilidade. Por conta disso diz não ter sentido tanto preconceito enquanto mulher lgbt.

Mas junto desta trajetória, conta que sua experiência enquanto mulher negra é muito árdua, pois cotidianamente esbarra com racismo em vários lugares da cidade. Renata fala:

Não, nunca... Acho que em relação a isso eu nunca senti preconceito. É até estranho eu falar isso né. Mas na minha rua também, nunca sofri por ser lésbica. Mas por eu ser preta sim, já.

Acho que já é mais fácil. Já é algo que a gente convive todo dia. Tipo hoje man. Hoje eu fui em um atacadista fazer as compras né, que eu te falei. Aí o segurança ficou vindo atrás de mim. Ai eu “moço, eu acordei sete horas da manhã, vou já trabalhar, só vim aqui fazer essas compras. O senhor acha mesmo que eu vou está roubando uma hora dessas da manhã?” Aí ele me olhou assim com uma cara, assim, tipo como se tivesse me pedindo desculpas, ai saiu fora. Ai eu fiquei puta

de raiva com ele né, com isso que acontece todos os dias com a gente. E eu saí fora, deixei lá o carrinho na metade das compras e tudo e saí. Fui fazer compras em outro canto, porque tipo, eu fui já naquele... tipo “carai man e seu chegar lá e for. E ser do mesmo jeito que o outro sabe? Ficar me seguindo” Ai fiquei me perguntando quando eu vou poder ir no shopping, vou poder usar as roupas que eu uso sabe, sem um segurança vindo atrás de mim. Fazer minhas compras no mercantil sem ta sendo seguida, é sobre isso. Coisas que acontecem com preto todo dia sabe. Todo dia.

Ele ficou me seguindo e aí, eu impaciente, perguntei se ele ia continuar me seguindo. Aí abri minha bolsa, falei que eu não tinha roubado nada. Eu não tinha levado nem minha bolsa. Tava só minha polchete, com meus cartões. Ai eu levantei minha blusa e saí, deixei o carrinho com as compras lá. Fui fazer minhas compras em outro canto. (Renata, Vendedora ambulante, 23 anos)

Sueli Carneiro (2011) compreende as intimidações em lojas, supermercados enquanto episódios sofridos por pessoas negras em seu cotidiano enquanto racismo estrutural, na qual afirma que as pessoas negras são sempre identificadas como ladrões, ruins, estupradores, enquanto pessoas brancas são colocadas como pessoas boas, cidadãos de bem. Na fala de Renata é questionado até quando ela terá que passar por situações como a violência que sofreu no supermercado.

Apesar de não ser possível mensurar o sentimento deixado e o trauma que ficou nas vivências de Renata, pode-se encontrar respostas possíveis a partir da construção de uma sociedade decolonial, apresentada tanto por Fanon (1968) enquanto fenômeno capaz de entender a quantidade de acontecimentos coloniais presentes no cotidiano da sociedade.

Além disso, Angela Figueiredo (2020) entende a emergência de epistemologias decoloniais e feministas a partir da compreensão da vivência de corpos negros.

Vale ressaltar ainda a relevância de se questionar o espaço urbano enquanto local construído para homens brancos heteros, na medida que a vivência da interlocutora Renata retorna a questão da construção da cidade ainda como um espaço marcado por heranças coloniais, fazendo com que a cidade esteja moldada para olhar pessoas negras como pessoas de má índole e pessoas brancas como pessoas boas.

A sua vivência no local onde vive também não é tranquila. Às vezes se sente observada demais por pessoas que estão nas ruas. O local onde mora é marcado por facções criminosas. Conta do local do Planalto Universo também se chamar “Carandiru”. Na semana anterior a gravação, fala sobre a morte de uma pessoa conhecida, que morreu baleado por pessoas de outra facção criminosa. Fala sobre a revanche acontecer no local da outra facção e assim a guerra nunca acabar, pois sempre estão matando um de cada território rival.

No Planalto Universo foi onde morou quando arrumou seu primeiro emprego; costumava sair de lá e ir estagiar, saindo do estágio e indo direto assistir aula, quando tinha

17 anos. Depois do fim do ensino médio, continuou morando lá e reforçando seus laços com amigos que tem até hoje na região. Alguns de seus amigos trabalharam com ela, outros ajudaram a crescer como pessoa.

Apesar de sentir-se segura por ser o local onde mora, em alguns momentos não se sente respeitada.

Macho, assim, eu como mulher preta né, tenho bastante medo de andar na rua, em horários mais tarde, principalmente quando tô saindo do meu trabalho que é bastante perigoso e pra mim chegar aqui em casa é daquele jeito, coração acelerado. (Renata, Vendedora ambulante, 23 anos)

Renata se considera uma mulher preta LGBT. Sente medo de andar nas ruas da cidade, principalmente ao voltar do trabalho em horários noturnos. Também corre riscos no trânsito, pois a falta de ciclo faixas e boa iluminação a noite, a coloca em risco de acidentes.

Contudo Renata sente-se que não se encontra em uma situação de vulnerabilidade social maior que já passou outrora. Já teve períodos que se alimentava em um dia sem saber se iria se alimentar no dia seguinte, mas com seu trabalho atual sente que vai comer todos os dias.

É interessante sentir nas falas de Renata uma certa compreensão sobre as vulnerabilidades destacadas por cada uma das interlocutoras. O sentimento de medo enquanto mulher negra, descrito por Renata nos faz refletir sobre os altos índices de violência que pessoas pretas são expostas. Desde a violência policial até as causadas por movimentos criminosos na região metropolitana.

Diferentemente das demais interlocutoras, o que Renata traz sobre sua vivência enquanto mulher na cidade fala muito sobre sua experiência enquanto mulher negra lgbtq, de classe média baixa, que precisa lidar com a violência contra pessoas pretas na cidade, além de lidar com a lgbtqfobias. Sua narrativa de vida conta sobre ter um corpo que na maioria do tempo não é respeitado.

Suas falas sobre seu cotidiano e sensações a partir de sua circulação na cidade, contam sobre a vivência da mulher preta na cidade e seus processos de aprendizados nos espaços ocupados, suas sensações e suas opiniões sobre o que é a emancipação da mulher na cidade. Renata só costuma sair de casa para ir ao trabalho e em situações mais foras do comum, encontra com os amigos para beber e se divertir.

Além disso, as falas de Renata sobre sua circulação na cidade se relacionam com conceitos apresentados por Garcia (2012) em relação a mulher negra e o direito a cidade. Pode-se compreender que a maioria dos espaços urbanos são construídos para homens brancos heteros, por conta da herança colonial. Assim, a própria construção da cidade separa espaços para pessoas ricas e brancas de pessoas pretas e pobres.

Em suas falas sobre a violência contra a mulher, inicia citando acontecimentos de violência enquanto trabalhava como vendedora ambulante assim que começou. Os policiais que vigiavam a região do Espigão onde trabalha, no início costumavam abordá-la junto de seu amigo quase todos os dias. Muitas destas vezes não havia mulheres para revistá-la e os próprios policiais homens a revistaram. Neste momento fala de ficar muito indignada com a situação, mas não poder fazer nada. Estes policiais que os abordavam achavam que eram usuários de drogas e dentre as abordagens os humilhavam. Renata complementa:

“Tem essa parte né, que eu fui seguida não só lá como em vários cantos. Também em relação a abordagem, que como eu trabalho na praia de Iracema, eu não escolho público né. Eu não escolho. Aí as vezes chegam pessoas drogadas lá pra comprar cerveja que eu vendo. Ai junto deles chega polícia sabe. Ai hoje os policiais já estão mais acostumados comigo e com o Bob sabe. Mas antigamente, era pesado, porque ele abordava a gente assim, praticamente todos os dias. Mas assim já aconteceu assim, de eu ser abordada por homem sabe. Se fosse mulher eu ficava quieta, era o trabalho dela, mas não acho que é o trabalho dele abordar mulher, por causa daquelas coisas todas. Ai eles já começam a achar que a gente é usuário, e mexem nas nossas coisas. Ai começam a humilhar a gente. Mas hoje em dia já é mais de boa, já é mais... como eles já estão acostumados com a gente trabalhar lá eles já conhecem. (Renata, Vendedora ambulante, 23 anos)”.

A violência policial sofrida por pessoas negras é uma realidade para homens e mulheres. É interessante a relação das falas de Sueli Carneiro com as falas de Renata, pois a partir de sua fala acima, já é mostrado como não havia um tratamento de respeito e dignidade quando era revistada por policiais homens no trabalho. Para Sueli Carneiro, “[o] papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; a vivência sexual contra as mulheres negras foi convertida em romance” (CARNEIRO, 2011, p. 547 ) afirmando assim a experiência diferenciada que mulheres negras tiveram na história, na medida que nunca foram tratadas como frágeis além de não entenderem a luta de mulheres por trabalhos já que mulheres negras na história sempre trabalharam, valendo lembrar que faziam isso em condições subumanas e eram tratadas como objeto. De forma que a interlocutora Renata relata sua experiência de violência no trabalho sem nenhum tratamento referente aos direitos pré estabelecidos pela constituição.

A partir da relação entre as falas da interlocutora Renata com as autoras citadas, pode-se perceber que a cidade ainda não é um espaço que construído para mulheres, sobretudo as mulheres vendedoras ambulantes negras, na medida que pela experiência da interlocutora foi relatada uma série de violências que estão relacionadas tanto a questões de raça, quanto a questões do trabalho enquanto ambulante.

Ainda sobre questões sobre a violência contra a mulher, Renata fala de uma amiga e ex “ficante”<sup>15</sup> sua. Que há algum tempo descobriu que estava sofrendo de violências domésticas pelo namorado, com toda esta situação, tenta sempre oferecer a ela um canto onde ela possa esquecer um pouco de todas essas coisas. Apesar de sua amiga ser aconselhada a deixar seu agressor, não consegue, pois depois de tantas humilhações, não consegue mais imaginar uma vida sem ele ao lado. Fora isso conta que esta amiga está grávida e mesmo assim sofre de violência.

No capítulo três foi debatido as questões de gênero, raça e classe a partir da vivência de mulheres trabalhadoras informais. No primeiro tópico do presente capítulo foi explicitado a vivência de Dona Eliane, pretendendo compreender a trajetória pessoal da interlocutora enquanto trabalhadora informal na cidade. A partir dos relatos feitos por dona Eliane foi possível compreender questões sobre a pertinência da educação para mulheres e como muitas foram impedidas de estudar, evidenciando como o espaço intelectual ainda também se faz majoritariamente patriarcal. Foi discutido também a importância da educação para o processo de emancipação da mulher, na medida que a partir da vivência e da descoberta da interlocutora Eliane, começou a sentir-se digna de respeito e não permitiu mais ser humilhada por seus patrões. Outra questão de grande relevância também foi a percepção de como as experiências de Dona Eliane na cidade estavam relacionadas ao medo de sair de casa por receio de sofrer violências e pela falta de dinheiro para sair para locais de lazer, sendo possível identificar como a cidade separa pessoas ricas de pessoas pobres a partir do poder aquisitivo de permanecer em ambientes de diversão.

Na segunda sessão do capítulo três foi explicitado a vivência de Dona Lourdes e sua trajetória pelo meio urbano, evidenciando principalmente violência sofridas no ambiente do trabalho e em casa. Tais Relatos contribui para o questionamento de quais os espaços são seguros para as mulheres? Já que a partir do relato de Dona Lourdes é compreendido que para mulheres o espaço de trabalho, as ruas e até o seu lar podem se tornar perigosos para

---

<sup>15</sup> “Ficante”, de “ficar” com alguém. Um relacionamento afetivo que não é definido como compromisso mas sim encontros esporádicos onde se “fica” com alguém.

elas. Foi discutido ainda questões relacionadas as violências físicas e psicológicas sofridas no ambiente de trabalho doméstico, revelando-se como marcas deixadas pelo colonialismo e a violência colonial, além da falta de políticas públicas da cidade para lidar com situações de violência no trabalho doméstico. Foi apresentada também a trajetória individual de dona Millena, em seus relatos foi novamente possível identificar questões de como a cidade é perigosa para as mulheres. Além disso foi explicitado a rotina de cuidado com os filhos e o trabalho informal, sendo possível identificar a dupla jornada feminina tratada no capítulo dois e como o mantimento das duas atividades se mostra desafiadora.

Na terceira sessão do atual capítulo trabalhei questões relacionadas ao racismo e a violências urbana. Nele foi possível conhecer a trajetória de dona Renata, na sua experiência de vida enquanto trabalhadora informal e negra, conseguiu-se compreender importantes questões relacionadas a estudos de raça. As principais questões discutidas estão interligadas ao trabalho doméstico e o caráter opressivo sentido pela interlocutora, bem como as violências policiais e racistas sofridas por Renata, explicitando novamente o ambiente da cidade enquanto um território não construído apenas para homens, mas também para homens brancos, na medida que segundo a vivência corporal de Renata é relatado o sentimento de dupla opressão enquanto mulher e negra Tanto na volta de seu trabalho, nos super mercados ou no próprio ambiente de trabalho mesmo é destacado sentimento de violência e medo.

Desta forma, foi possível encerrar o capítulo cumprindo o objetivo de compreender a cidade a partir da vivência e trajetórias das interlocutoras. Sendo possível destacar a cidade enquanto espaço construído para homens brancos, a necessidade da educação enquanto emergência na cidade para acolher trabalhadoras domésticas. Foi ainda possível perceber a relevância da discussão de questões relacionadas a raça classe e gênero trabalhados pelas interlocutoras a partir da experiência urbana de mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi possível compreender importantes aspectos sobre a vivência das mulheres trabalhadoras informais moradoras do conjunto habitacional Planalto Universo. A partir da reflexão das narrativas das sujeitas de pesquisa no ambiente urbano foi possível refletir sobre os espaços em que estas interlocutoras circulam.

Questões relacionadas a colonialidade se fizeram de extrema importância para entender a vivência feminina na cidade de acordo com a violência racial e de gênero que se mantém presente nas narrativas de interlocutoras. Ainda na introdução foi possível compreender questões relacionadas ao colonialismo a partir do olhar de Fanon (1968), que entende a colonialidade como sequelas do colonialismo para a sociedade atual, se fazendo de extrema importância a construção de uma sociedade decolonial.

Ainda sobre questões relacionadas ao colonialismo, foi visto também como a narrativa corporal das vivências de mulheres negras reafirma a emergência de uma sociedade decolonial, segundo Ângela Figueredo (2020). Além disso foi trabalhada questões relacionadas a emancipação da mulher negra, a partir dos escritos de Ângela Davis (2016), que relembra liberdade de mulheres negras entre os anos de 1960 e 1980, mas também traz dados sobre a continuação da exploração do trabalho de mulheres negras, que nos anos citados chegavam a trabalhar 14 horas por dia, recebendo menos que mulheres brancas. Além dos frequentes riscos da profissão e da falta de leis que as protegessem, sendo possível assim compreender que a emancipação de mulheres negras não existiu de fato, pois ainda se consideravam escravas do sistema.

No capítulo um foi possível compreender conceitos que tornou a pesquisa mais concisa em sua bibliografia, na medida que foi discutido questões sobre os conceitos da emancipação da mulher a partir da história euro americana, a história da emancipação feminina no Brasil e a informalidade no Brasil. Em três tópicos compreendemos que a emancipação feminina aconteceu junto da conquista do espaço público, que se deu a partir do momento que mulheres começaram a trabalhar fora de casa e ocupar as ruas. A partir da ocupação de mulheres nas ruas foi evidenciado como os centros urbanos eram violentos para as mulheres. No Brasil a emancipação feminina também ocorreu a partir da conquista do espaço público para a população feminina, no século XX. O público de mulheres operárias que ocuparam as ruas revelou inseguranças daquele espaço e das tentativas de expulsarem as mulheres dos centros urbanos. Tentou-se neste capítulo identificar o percentual de violência contra as mulheres na cidade, entretanto os únicos dados encontrados sobre o tema

foi a violência no trânsito, que não faz distinção entre homens e mulheres e nem compreende as violências sofridas por mulheres no espaço urbano. Neste momento foi possível encontrar uma lacuna entre as pesquisas demográficas, na medida que a ausência de estatísticas sobre a violência contra a mulher nos espaços urbanos se apresenta como falta de interesse por parte dos institutos de pesquisas, pois entre as conversas com as interlocutoras, todas afirmaram sentir medo das ruas e algumas ainda trouxeram experiências sobre o assunto.

Foi discutido ainda no capítulo um questões sobre a informalidade no Brasil. Os estudos realizados sobre o tema compreenderam o significado da informalidade como diferenciado para cada país. No Brasil, as noções de informalidade estão intrinsecamente relacionadas aos conceitos de trabalho formal, na medida que a partir do desenvolvimento do mercado de trabalho a mão de obra funcionava como uma negociação livre, a partir do governo Vargas e a implementação de leis trabalhistas houve a mudança de concepção de trabalho formal e informal. O crescimento dos centros urbanos durante a industrialização ampliou tanto o mercado de trabalho formal, quanto o informal. Tal crescimento industrial e urbano também foi responsável pelo crescimento de migrações entre pessoas do interior para a cidade, em busca de empregos.

Na atualidade o mercado de trabalho possui novas exigências, como por exemplo a escolaridade e qualificação profissional. Tais condições obrigam muitas pessoas a se ocuparem no setor informal.

Além disso, muitas mulheres que estão no setor informal estão ligadas a atividades de trabalho doméstico. Houve um crescimento do percentual de mulheres negras no setor informal nos anos de 2001 e 2009 relacionado principalmente a remuneração. Foi percebido ainda que a maior parte de trabalhos formais são ocupados por pessoas brancas, enquanto a maior parte de trabalhos informais são ocupados por pessoas negras.

Uma das grandes motivações para as mulheres com filhos estarem no mercado de trabalho é para manter o sustento próprio dos filhos, entretanto, a partir das leituras abordadas foi possível compreender que muitas mulheres são criadas para serem boas mães e boas profissionais, entretanto isto pode levar a um sentimento de conflito e culpa para as mães, na medida que sua prioridade está ligada a maternidade.

No capítulo dois, foi possível compreender como se deu a construção do movimento feminista e seus principais momentos de luta. Piscitelli (2009) fala sobre o movimento feminista iniciando a partir da importância de falar sobre gênero, visto que a mulher era considerada frágil e inferior. Nos anos de 1950 e 1960 havia mulheres lutando pela igualdade

direitos em relação a maternidade não livre, educação, casamento forçado, profissões indignas e má remuneração, além da questão do voto para mulheres.

Além disso a mulher era excluída dos espaços públicos nos anos de 1970, algumas das formas de expulsar as mulheres de espaços públicos são citados, como o estupro. Uma das questões que foi percebida durante a pesquisa e a bibliografia é que a cidade não exclui apenas a mulher, mas sobretudo a mulher preta e a mulher pobre, na medida que há espaços diferenciados para este público e uma série de políticas de segregação entre pessoas pobres e ricas.

Gênero enquanto produto gerado pela cultura sobre a natureza, gera o debate para Piscitelli (2009) da necessidade de separar a natureza da cultura, na medida que a partir de estudos etnográficos conduzidos por Margareth Mead (2000), já foi comprovado cientificamente que a mulher não tem como características inatas a fragilidade, a pouca disposição para atividades intelectuais, entre outras características que se mostram equivocadas sobre a natureza feminina.

Foi debatido ainda questões relacionadas ao racismo na cidade, destacando o corpo da mulher negra e o direito ao espaço urbano. O patriarcado enquanto sistema exclusivo que privilegia o homem branco hetero ocidental, constrói uma hierarquia de branqueamento da cidade, proveniente também da herança colonial, em que tenta europeizar a cidade e desafrikanizar, criando uma estrutura que separa pessoas brancas e ricas de pessoas pobres e negras. Estes princípios também é uma forma de excluir pessoas pobres de ambientes urbanos, para assim haver uma higienização das cidades. Realoca-se as comunidades de massa para locais de risco e sem políticas públicas (GARCIA, 2012) a fim de afastá-las cada vez mais da população de elite. Uma outra forma de higienização das cidades aconteceu no período de industrialização do Brasil, no qual apenas brancos estrangeiros conseguiam empregos, enquanto a população negra, recém liberta da escravização foi deixada para morrer. Desta forma, pode-se afirmar que a cidade discrimina duplamente a mulher negra, criando políticas de proteção para pessoas brancas e extermínio para comunidades negras.

Por último também foi falado sobre a importância da criação de uma epistemologia e de uma educação feminista, na medida que a ciência ocidental foi criada por homens e em muitos momentos objetificou a mulher. A educação permite a criação de saídas e horizontes para a emancipação da mulher. Além disso, a educação de leitura do mundo enquanto atividade pedagógica relembra o sentimento de ser humano.

No capítulo três foi apresentado as vivências e narrativas individuais das trabalhadoras informais aqui entrevistadas, sendo possível compreender como cada

realidade feminina explicita pontos diferentes sobre a circulação de mulheres no ambiente urbano. A relevância da educação para mulheres, em que por muitos anos foi proibida, afirmou como espaços intelectuais ainda são majoritariamente masculinos. Para além disso a educação para as mulheres se mostra como um caminho para emancipação da mulher, na medida que segundo a vivência das interlocutoras, foi a partir da educação no ambiente de trabalho que ela pôde sentir-se digna de respeito.

Os espaços urbanos, segundo as interlocutoras, além de se mostrarem perigosos para mulheres, ainda é exclusivo para pessoas que podem aproveitar do ambiente urbano e se divertir, podendo gastar dinheiro naqueles espaços.

Além disso, foi percebido no capítulo três que espaços de trabalho domésticos também se mostram violentos para com mulheres, gerando o questionamento de quais espaços são seguros para as mulheres já que nas vivências das interlocutoras, houve violências sofridas no trabalho, no lar e nas ruas da cidade. As violências sofridas pelas interlocutoras também se mostram como marcas herdadas do colonialismo, na medida que era normal o uso da violência nas pessoas escravizadas, o acesso restrito a educação, o não pertencimento da cidade para pessoas escravizadas.

Foi compreendido ainda como o espaço doméstico e o trabalho informal podem caminhar juntos, na medida que segundo relatos de interlocutoras e Quendau (2007) o cuidado dos filhos e o trabalho para as mulheres mães são conciliados, na medida que há a necessidade de sustento de si e dos filhos e o mantimento de atividades maternas.

As questões raciais e a violência urbana também se fizeram presente no corpo do capítulo três. A partir da vivência das interlocutoras negras trabalhadoras informais. O caráter opressivo que os trabalhos domésticos vivenciados por mulheres negras evidencia novamente marcas deixadas pelo período colonial, além de provar que o ambiente urbano, apesar de ser ocupado por homens, mulheres, pessoas não binárias, entre outros, pertence exclusivamente aos homens brancos. É sentido pelas interlocutoras negras, a dupla opressão por ser mulher e por ser negra, explicitando situações de violência e medo no trabalho e nos caminhos da cidade percorridos do trabalho para casa.

Portanto, foi possível encerrar a presente monografia com seu objetivo principal cumprido, no que tange evidenciar as narrativas das mulheres trabalhadoras informais. Sendo necessário apresentar a cidade enquanto espaço construído para homens brancos, a educação enquanto emergência junto de políticas públicas na cidade que acolham trabalhadoras informais e trabalhadoras domésticas. Foi ainda possível entender a

importância da discussão de questões relacionadas a raça classe e gênero trabalhados pelas interlocutoras a partir da experiência urbana de mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. **Trabalho Informal, Gênero e Raça no Brasil do século XXI. Cadernos em Pesquisa**. São Paulo, 07 ago. 2013. p. 452-477.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (Brasil). **ASSASSINATOS DE PESSOAS TRANS VOLTAM A SUBIR EM 2020: direitos e política, violência**. Direitos e Política, Violência. 2020. Disponível em: <https://antrabrazil.org/category/violencia/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

BAIROS, Luiza. **Nossos Feminismos Revisitados**. Revista Estudos feministas. Nº2\95. vol.3. 1995.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Candiani, Heici. São Paulo, 2016. 244pp.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Carla Bassani (coord.), 1997. São Paulo: Contexto, 678p.

DIESE (São Paulo). **1 Número 22 – maio de 2022 Trabalho por conta própria cresce na pandemia e fica mais precarizado**. 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2022/boletimEmpregoemPauta22.html> Acesso em: 04 jul. 2022.

FANON, Frantz. Da Violência. In: FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Cap. 1.

FANON, Frantz. Sobre a violência: Frantz Fanon e a política como subversão. Youtube, 13 de dez. 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/VNMSZzHpH2U>>. Acesso em 06 jul. 2022.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p. 01-24, 2020.

FUJISAWA, Marie Suzuki. **Das Amélias as Multifuncionais: a emancipação feminina e os comerciais de televisão**. São Paulo: Summus Editorial, 2006. 41 p. (1). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptPT&lr=&id=OO5s5bGYNMIC&oi=fnd&pg=PA7&dq=a+hist%C3%B3ria+da+emancipa%C3%A7%C3%A3o+feminina+no+brasil&ots=ATOfriidCST&sig=DQ6pw2N971TfCYUmx7bj-VqbhqM#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 24 set. 2021.

GARCIA, Antônia dos Santos. **Mulher Negra e Direito à Cidade: relações raciais e de gênero**. In: MULLER, Tânia Mara Pedroso (org.). **Questões Urbanas e Racismo: coleção negros e negras: pesquisas e debates**. Petropolis: Dp Et Alii Editora Ltda, 2012. Cap. 1. p. 1-163

IBGE EDUCA (Brasil). **INDICADORES SOCIAIS DAS MULHERES NO BRASIL**. 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21241-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 22 jul. 2022.

LEIBANTE, Thiago. Algumas considerações sobre o trabalho informal no capitalismo contemporâneo. *In: **Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina***, 5, 2013 [...] Anais Eletrônicos Paraná: Londrina, 2013, P. 01 a 08. Disponível em: <http://www.uel.br/grupopesquisa/gepal/terceirosimposio/tiagoleibante.pdf> Acesso em 26/06/2022

LOPES, Edmar Aparecido de Barra e. **AS NOVAS FACES DA INFORMALIDADE NA REGIÃO CENTRAL DE GOIÂNIA-GO: os trabalhadores ambulantes em um contexto de transformação do mercado de trabalho**. 2008. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Cap. 1.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Campina Grande: Scielo, 2011. 37 p.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2000. P. 303. Tradução de Rosa Krausz.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUEDNAU, Fernanda Sutoff. **O CONFLITO ENTRE A MATERNIDADE E O TRABALHO NA MULHER PÓS-MODERNA**. 2007. 57 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Faculdade das Ciências e Saúde, Uniceub, Brasília, 2007. Cap. 03.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **A primavera feminista. Vozes de luta da emancipação feminina no Brasil e Uruguai**. Revista Estudos Feministas, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 01-03, 11 jun. 2018. Mensal. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n257191>

NORONHA, Eduardo G. “INFORMAL”, ILEGAL, INJUSTO: percepções do mercado de trabalho no brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 112-179, out. 2003. Anual.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: A História de um Conceito**. In: Diferenças, igualdade /Heloisa Buarque de Almeida, José Eduardo Szwako (orgs.) – SP: Berleandis & Vertecchia, 2009, pp. 116 a 149.

REDAÇÃO PORTAL (Brasil). Ministério da Saúde. **Maio Amarelo: quase 19% das mortes no trânsito brasileiro são de pedestres**. 2021. Disponível em: <https://transitoweb.com.br/maio-amarelo-quase-19-das-mortes-no-transito-brasileiro-sao-de-pedestres/>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SARDENBERG, Cecília. **Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?** Em: SARDENBERG, C.; COSTA, A.A.A (orgs.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM - FFCH/UFBA, 2002.